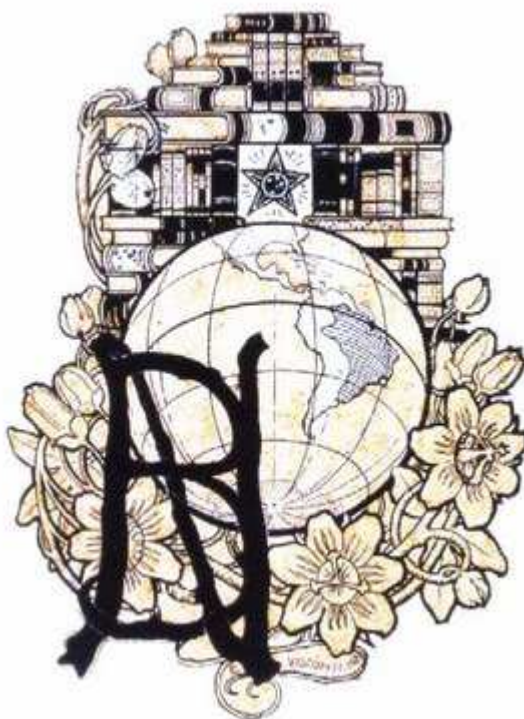


Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa
2010

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC

Ecio Pereira de Salles



CONHECER E CONVIVER

As bibliotecas públicas na Baixada Fluminense e a construção da democracia

2007

SUMÁRIO

		Pág.
INTRODUÇÃO	A biblioteca em mim	04
CAPÍTULO I	Metodologia	10
CAPÍTULO II	A biblioteca e o Brasil Conceito e contexto atual	13
CAPÍTULO III	Bibliotecas e a Baixada Fluminense	17
CAPÍTULO IV	A Baixada e a Biblioteca Um roteiro sobre a Baixada Fluminense e a presença e atividade das bibliotecas públicas (centrais) na região.	23
CAPÍTULO V	Conhecer e Conviver Um mapeamento das bibliotecas das bibliotecas públicas da Baixada Fluminense.	34
CAPÍTULO VI	Conclusão	55
CAPÍTULO VII	Bibliografia	57

I INTRODUÇÃO – A BIBLIOTECA EM MIM

Por outras palavras, uma biblioteca não é tanto um edifício – embora os edifícios que as albergam projectem significados suscetíveis de análise [...] – mas um modo como no interior de um edifício se consuma a finalidade de dar a ler ou de aceder à informação.

João Guilherme Ventura

Que diferença pode fazer uma biblioteca na vida de uma pessoa? Na minha, fez bastante. A primeira sala de livros com que tive contato – na época em que cursava o primário na Escola Municipal Odilon de Andrade, em Olaria – ficava situada na Região Administrativa, em Ramos, bairro vizinho ao meu. Era uma biblioteca acanhada, com um acervo bastante reduzido. Ali, no entanto, encontrava os livros de que precisava para dar conta das pesquisas escolares. E também tinha a oportunidade de, pela primeira vez, entrar em contato com a literatura.

Sempre que leio a biografia de autores de que gosto, e eles mencionam as leituras do tempo da infância que os formaram, experimento sentimentos algo contraditórios. De um lado, identifico-me em maior ou menor grau com o autor/leitor. De outro, sinto que não fui precoce o suficiente. Alberto Manguel, por exemplo, na introdução de sua *História de leitura*, informa que já na infância e adolescência, lia autores como “Lewis Carroll, Dante, Kipling, Jorge Luís Borges”, e ainda Tchekov, Italo Svevo, Rilke...

Mesmo assim, considerando o contexto em que vivi, não posso negar que meu gosto pela leitura, embora não tenha sido precoce, veio cedo. Também não mergulhei de imediato nos clássicos da literatura universal. Entre os oito e doze anos de idade, mal lia os livros recomendados pelos professores na Escola Municipal Odilon de Andrade, onde fiz o primário e ginásial (hoje denominados fundamental): *A Moreninha*, *Iracema*, e outras obras constantes do currículo escolar.

No início da década de 1980, quando cursava a oitava série, tive uma enfermidade que me prendeu um mês em casa, à base de antibióticos e alimentação reforçada. Minha estratégia de sobrevivência foi aproveitar o tempo de reclusão para ler a obra de Machado de Assis, em particular a prosa – romances e contos. À época não tive a exata percepção de como essa leitura seria determinante em minha existência. Foi

ela certamente quem me forneceu um olhar diferenciado sobre a vida, sobre a linguagem e, portanto, sobre todo o resto.

Pouco mais tarde, os livros da série *Para gostar de ler* e, principalmente, da Coleção Vagalume, ambas da Editorca Ática, que comecei a ler por obrigação, me seduziram de maneira devastadora. “Na infância e em boa parte da adolescência, o que os livros me contavam, por mais fantástico que fosse, era verdade no momento da leitura, e tão tangível quanto o material de que o próprio livro era feito” (Manguel, 1997: 24). Lembro de passar horas imerso na leitura de títulos como *O escaravelho do Diabo*, *Spharion*, *Xisto no espaço* ou *O caso da borboleta Atíria*, de Lúcia Machado de Almeida; *Cem noites tapuias e Coração de onça*, de Ofélia e Narbal Fontes; *Um cadáver ouve rádio*, *Garra de campeão*, *Gincana da morte*, *O mistério do Cinco Estrelas*, *Quem manda já morreu* ou *O rapto do garoto de ouro*, de Marcos Rey. E ainda *Tonico*, de José Rezende Filho; *Menino de Asas*, de Homero Homem; a *Ilha perdida*, de Maria José Dupré; e *O Feijão e o sonho*, de Orígenes Lessa. Desnecessário dizer que uma boa parte desses volumes eu só acessava mediante empréstimo na Biblioteca da escola.

Se a biblioteca que eu conheci na infância e adolescência fez toda a diferença pra mim, uma boa biblioteca faria ainda mais. A primeira assim que frequentei ficava distante do meu bairro, na Avenida Presidente Vargas, centro da cidade: a Biblioteca Estadual. Entre 1986 e 1990, no governo de Leonel Brizola, o então vice-governador Darcy Ribeiro planejou a criação de uma biblioteca pública capaz de ombrear com os melhores e mais recentes conceitos internacionais, os quais tinha conhecido de perto no período que passou no exílio. Inaugurada em 1987, a Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro, inteiramente reformada, situa-se na avenida Presidente Vargas, bem no coração do Centro da Cidade, abrigada em um moderno prédio de 10 mil m².

Comparada às bibliotecas que havia conhecido até ali, ela era enorme. Seu acervo pareceu-me ilimitado. E não eram apenas livros, seu acervo era amplo e diversificado. Naquela Biblioteca – somada à do CCBB e ao Cinema Estação Botafogo – apurei meu gosto cinematográfico. No biombo aconchegante da biblioteca, assisti a muitos filmes de Allen, Einseinstein, Fassbinder, Fellini, Goodard, Glauber...

Mais tarde, já na faculdade, conheceria outras duas bibliotecas impressionantes: o Real Gabinete Português de Leitura e a Biblioteca Nacional. Instaladas em prédios imponentes e suntuosos, suas estantes pareciam infinitas para mim, como a biblioteca universal de Borges. Alberto Manguel, na *História da leitura*, lembra essa famosa

história em que o escritor argentino imagina uma biblioteca tão complexa e vasta quanto o universo.

Nessa biblioteca (que na verdade multiplica ao infinito a arquitetura da velha Biblioteca Nacional de Buenos Aires, na Calle Méjico, onde Borges era o diretor cego) não há dois livros idênticos. Uma vez que as estantes contêm todas as combinações possíveis do alfabeto, e, assim, fileiras e fileiras de algaravia indecifrável, todos os livros reais ou imagináveis estão representados (MANGUEL, 1997: 227).

Contudo, essas bibliotecas, maravilhosas em sua arquitetura, acervo e charme, são, por sua própria natureza, menos próximas de um público não especializado. E mesmo reconhecendo que essas grandes bibliotecas são indispensáveis, ainda acho as pequenas bibliotecas de bairro mais... emocionantes. Durante minha experiência na Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu pude inclusive participar do nascimento de uma delas. Isso aconteceu a partir da convergência de dois projetos distintos realizados nessa cidade da Baixada Fluminense.

Primeiro, o projeto *Palavras do Bairro*. Desenvolvido no contexto do Programa Bairro-Escola, em Nova Iguaçu, na Escola Municipal José Ribeiro Guimarães, que ficava no bairro de Ouro Preto, na periferia da cidade. Resumidamente, o projeto visava integrar linguagens artísticas visuais capazes de explorar os aspectos culturais da oralidade e da escrita. Com isso, visava contribuir para a prática do letramento e da alfabetização, através de processos que promoviam exercícios e brincadeiras a partir da coleta de palavras pelas crianças e sua associação com sensações e estados físicos, como palavras secas, palavras quentes, palavras ásperas, etc.

O outro intitulava-se *Minha rua tem História*. Realizado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo e organizado pela Escola Livre de Cinema, esse projeto pretendia-se uma espécie de "censo subjetivo" da cidade. A ideia era contar as histórias de vida dos moradores de 500 ruas de Nova Iguaçu contempladas com obras do PAC – Plano de Aceleração do Crescimento, do Governo Federal. A primeira edição do projeto mobilizou 3.500 jovens de 17 bairros da cidade, ao longo de um mês. Na culminância desse projeto, houve uma espécie de concurso entre as equipes que o compunham e que estavam divididas por bairros. A vencedora receberia aparelhos MP4 e R\$ 1 mil em dinheiro para realizar a ação. Coincidentemente, a equipe vitoriosa foi a do bairro Ouro Preto, que decidiu investir o recurso na criação de uma biblioteca na comunidade, a ser implementada no único local viável: a Escola José Ribeiro Guimarães. O grupo

adquiriria acervo – mediante doações, chegaram a obter mil livros –, e compraria estantes e outros materiais. O problema é que não havia espaço físico disponível na unidade escolar.

Nesse ínterim, o *Palavras do Bairro* recebeu o Prêmio Ludicidade, do Ministério da Cultura, no valor de R\$ 20 mil para ser investidos em alguma ação relacionada ao projeto. A então diretora da Escola Luciene Neves decidiu investir todo o recurso na obra de construção da biblioteca, que abrigaria as doações dos representantes do Minha rua tem história e, também, as realizações do projeto premiado pelo MinC, além de outras doações – a Biblioteca Central de Nova Iguaçu e a Prefeitura, por exemplo, doaram acervo, mesas e computadores a fim de viabilizar e incrementar o espaço. Dessa forma, em 5 de agosto de 2010, foi inaugurada a *Biblioteca Palavras do Bairro*. Na época, eu estava na Secretaria de Cultura e participamos muito de perto de todo o processo, desde a sua concepção.

Essa biblioteca desempenha um papel fundamental, de um lado porque se encontra num território onde antes não havia nenhum equipamento semelhante, além de não contar igualmente com outros equipamentos culturais, como cinemas, teatros ou salas de concerto. De outro, porque ela nasce menos da iniciativa do poder público que do desejo e da mobilização dos cidadãos, moradores do bairro e adjacências, que não desistiram de seu objetivo nem mesmo quando as dificuldades financeiras e burocráticas se mostraram empecilhos que quase inviabilizaram todo o processo.

Nesse período, também geri um programa ligado ao livro e à Literatura, o *Livro Livre*. Inspirado em uma iniciativa desenvolvida em São Paulo pelo Jornal de Debates, o *Livro Livre* foi uma experiência da Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu/ Biblioteca Municipal Prof. Cial Brito, cujo objetivo era difundir o hábito da leitura e formar novos leitores. O conceito é inspirado no bookcrossing, prática difundida nos Estados Unidos e Europa que já conta com centenas de milhares participantes no mundo inteiro. A ideia por trás do *Livro Livre* é que os livros não possuem donos, e são na verdade um patrimônio cultural da humanidade.

Segundo o panfleto de divulgação do programa, ele se desenvolvia, resumidamente, assim: Inicialmente, pessoas próximas à Secretaria eram convidadas “a ‘libertar’ seus livros da estante”, quantos livros puder ou quiser – desde que estivessem em bom estado e pudessem “interessar a um amplo espectro de possíveis leitores”. Em seguida, esses livros eram distribuídos à população em ações realizadas por diversos pontos da cidade. “Espera-se que as pessoas que receberem os livros os repassem a

outra pessoa, solicitando o mesmo compromisso, o de que o livro seja passado adiante e continue circulando”.

Em pouco mais de um ano, o Livro Livre circulou por espaços muito diversificados na cidade. Em praças, no calçadão, escolas e centros culturais. Mas também na carceragem da cidade, nos dois centros de atendimento psicossocial (CAPS) e em outros locais onde o conceito de cidadania plena é, no mínimo, questionável. Durante o processo, foram “libertados” cerca de 5 mil livros. O Programa demonstrou a viabilidade das possibilidades de democratização do livro, em parceria com as bibliotecas públicas, ONGs e editoras (várias, entre as maiores inclusive, enviaram livros para serem “libertados”). Num país em que apenas 17% da população concentram em suas mãos 73% dos livros – segundo dados do Muncic 2006¹ –, projetos como esse podem ser efetivamente uma contribuição importante para a democratização do acesso à leitura, à cultura e ao conhecimento.

Todas essas histórias narradas acima representam, de certa forma, um mapa noturno de nossa trajetória até aqui. Pelo menos as coordenadas que, por caminhos às vezes tortuosos, nos trouxe até a realização desta pesquisa. Assim como a antropóloga Lícia do Prado Valladares, que em seu livro *A invenção da favela* afirma que “na construção das representações sociais a biografia do autor tem o seu lugar”(VALLADARES, 2005: 13), nós também fomos conduzidos ao objeto de pesquisa por um conjunto de circunstâncias de nossa experiência pessoal.

Evidentemente, quatro anos vividos intensamente como gestor no campo da cultura, na Baixada Fluminense, em pleno momento de avanços significativos no campo da cultura em geral, no das bibliotecas públicas em particular. Sei que essa opinião está longe de ser unânime, mesmo assim, embora ainda haja muito por fazer, concordo com a opinião de Ana Lúcia Medeiros, que dizia saltar aos olhos neste momento “a necessidade de um novo desdobramento”. E também que “é incontestável que foram realizados muitos avanços nos últimos anos na área do livro e da leitura, e também na de bibliotecas” (MEDEIROS, 2010: 41).

As experiências relatadas acima e outras mais, que não couberam aqui, demonstram que é possível, apesar de certamente não ser fácil nem simples, pensar as bibliotecas públicas como espaços acolhedores, capazes de contribuir, de maneira real, objetiva e decisiva para o desenvolvimento da cidadania e da democracia. O Brasil

¹ Publicação do IBGE com base nos resultados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais, realizada junto às prefeituras dos municípios brasileiros.

contemporâneo enfrenta problemas históricos graves e ainda não resolvidos. O analfabetismo, sobretudo o analfabetismo funcional, é um deles. Segundo pesquisa do IBGE de 2009, apenas 25% dos brasileiros podem ser considerada alfabetizados plenos, aqueles capazes de interpretar e comparar textos (MEDEIROS, 2010: 19).

Para isso, é determinante que esses equipamentos culturais, que são os mais numerosos do país, podem verdadeiramente afetar positivamente um conjunto grande pessoas do mesmo modo me afetou, por exemplo. Se uma boa biblioteca pode fazer a diferença para uma pessoa, isso significa dizer que ela também pode fazer a diferença para um território, um bairro. E um conjunto delas é capaz de afetar uma cidade, um país.

Trata-se, nesta pesquisa, de tentar entender os modos de inserção no território de que as bibliotecas públicas na Baixada Fluminense são capazes, ou não, de empreender a fim de dar sua contribuição para os já reiterados objetivos de colaborar para o aprofundamento da democracia e o fortalecimento da cidadania em nossa sociedade.

II METODOLOGIA

A metodologia empregada na realização desta pesquisa baseou-se inicialmente em dois movimentos, os quais se desdobraram em outros conforme o processo se desenvolvia. O primeiro consistiu no estudo documental do assunto, a partir de fontes secundárias, como bibliografia específica, matérias jornalísticas, páginas na Internet (do MinC, da FBN, das Prefeituras dos municípios onde se localizam as bibliotecas ou das próprias bibliotecas, quando houver). O segundo implicou uma pesquisa empírica, mediante entrevistas e aplicação de questionários.

O primeiro movimento indicou, de saída, a ainda insuficiente bibliografia sobre o tema bibliotecas. Dediquei o momento inicial da pesquisa a pesquisar, no acervo da Biblioteca Nacional, mas também em outras bibliotecas, na Internet e outras fontes possíveis, estudos dedicados às bibliotecas. Embora haja alguns trabalhos interessantes, acredito que são ainda pouco numerosos dada a importância do tema. Além disso, as obras publicadas, mesmo aquelas que enxergam aqui e ali algumas virtudes, são quase unânimes em constatar a precariedade e a incipiência da política de bibliotecas públicas no Brasil. De qualquer forma, espero, com esta pesquisa, dar minha modesta contribuição para tentarmos reparar esta lacuna.

Quanto ao segundo movimento, este se desdobrou em dois outros, conforme descrito a seguir.

De posse da informação sobre quantas quais eram as bibliotecas públicas centrais na Baixada Fluminense, iniciei a segunda fase. Aqui, o questionário se destinou aos profissionais responsáveis pela gestão das bibliotecas. Nesse caso, a pesquisa foi, basicamente, qualitativa. Procurei saber informações sobre o espaço: se o seu gestor é bibliotecário ou não; qual o acervo da biblioteca; se disponibiliza os livros apenas para consulta no local ou também para empréstimos; se dispõe de espaços ou ações específicos, por exemplo “setor étnico”, espaço infantil, contação de histórias...”; entre outras questões pertinentes à pesquisa.

A segunda fase, que eventualmente foi simultânea à primeira, baseou-se em entrevistas minuciosas com os usuários desses espaços. Para tanto, durante oito meses dediquei-me a visitar cada biblioteca da região, repetindo a visita no mínimo duas vezes em cada uma. Entrevistei os usuários das bibliotecas a fim de perceber, entre outros aspectos, o uso que fazem da biblioteca e a relação que mantêm com o espaço.

Ao final do processo de entrevistas, teve início a fase de Tabulação, processamento e análise dos dados. Esse procedimento forneceu dados e informações atuais que expressam, pelo menos em parte, a realidade vivida por essas bibliotecas. Além disso, disponibilizou, através de gráficos, um mapa das principais questões que afetam as bibliotecas públicas na Baixada Fluminense. E, por outro lado, salientou aspectos importantes que revelam seu valor social, atuação e poder de atração de futuros usuários.

1ª. Etapa

- **Mapeamento:**

Entrar em contato com as Secretarias de Cultura e Educação dos municípios para verificar o número de bibliotecas/ acervos/ bibliotecas potencias no município e respectivos contatos.

2ª. Etapa

a. Institucional

- Visitação presencial para verificar as condições das bibliotecas:
- Instalações,
- Acervo,
- Organização do Acervo (obras catalogadas ou não)
- Facilidade,
- Número de funcionários,
- Presença de bibliotecária(o)
- Equipamento

b. Usuários(as)

- Perfil
- Avaliação
- Demandas

3ª. Etapa

- Tabulação, processamento e análise dos dados

Esse conjunto de tarefas, no decorrer do processo, forneceu as bases para confirmar, ou não, a nossa hipótese inicial: a de que as bibliotecas públicas, se efetivadas em sua plenitude, são capazes de afetar a cultura local, contribuir para o aprofundamento da democracia e contribuir para o fortalecimento da cidadania de seus habitantes.

Uma questão da maior importância para mim é o “espírito” que motiva esta pesquisa. Não busco aqui apenas reivindicar uma posição melhor para as bibliotecas públicas no cenário social. Tampouco demonstrar a falência desses equipamentos em um ambiente complexo, mas evidentemente marcado pela pobreza, como é a Baixada Fluminense. Na verdade, motiva-me a tentativa de perceber se e como as bibliotecas, mesmo diante das maiores dificuldades, podem contribuir para uma vida melhor. Assim, de modo algum privilegiarei a denúncia do que considerarei equivocado no lugar de por em relevo o que perceberei como acerto. Tampouco é meu intuito buscar medidas, punições ou algo semelhante para quem não desempenhar seu papel convenientemente. Por isso mesmo, me eximirei de nomear os espaços onde identifiquei os problemas mais graves. Defini que este não é meu papel, nem o deste trabalho. A minha proposta aqui é a de apontar onde reside o acerto. É claro que os números podem me contrariar, mas é por isso que aposto nesta pesquisa. A partir dos números que apareçam aqui, podemos pensar juntos sobre como tornar a biblioteca pública, na Baixada e em quaisquer outros lugares, um equipamento capaz de fazer a diferença em nossas vidas.

III BIBLIOTECAS E O BRASIL – CONCEITO E CONTEXTO ATUAL

A biblioteca é um símbolo poderoso daquilo que entendemos como cultura. As estantes cheias de livros, preches de informação, conhecimento, arte e prazer estético, são a geometria de um reconhecimento específico: o da capacidade de as bibliotecas constituírem um meio cultural produtivo, atuante e consistente. Como diria Monteiro Lobato, em uma frase que tem força de provérbio, “um país se faz com homens e livros”. Certamente, advém daí o prestígio das bibliotecas em nosso imaginário.

Em seu trabalho sobre bibliotecas públicas no estado do Rio Grande do Sul, o pesquisador Paulo Barros, afirma que, em países europeus, nos Estados Unidos e recentemente no Brasil, as bibliotecas exercem um papel social, político e cultural de enorme importância. Elas contribuem “através do desempenho de suas funções educativa, cultural, e informacional com a formação dos cidadãos na sociedade” (BARROS, 2002: 10). “A biblioteca é um local essencial para a formação cidadã, para o acesso ao conhecimento, à informação e ao lazer”, sintetiza o antropólogo Felipe Lindoso (LINDOSO, 2004: p. 132).

Apesar de tudo, o Estado brasileiro parece reconhecer a relevância desses equipamentos. Seguindo a dica do escritor Mário de Andrade, para quem a criação de bibliotecas populares era “uma das atividades mais necessárias para o desenvolvimento da cultura brasileira”², criou, através de Decreto Presidencial de 13 de maio de 1992, o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP). Seu objetivo fundamental é o de garantir o fortalecimento das Bibliotecas Públicas no país.

O pressuposto básico para as ações do SNBP é a *função social* da Biblioteca. Quando essa instituição cultural desempenha este papel na comunidade, torna possível “a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática e a formação de uma consciência crítica do indivíduo, levando-o ao exercício pleno da cidadania”³. Dessa forma, caberia às bibliotecas públicas atuarem como centros de cultura capazes de “usar a informação como instrumento de crescimento pessoal e de transformação social”⁴.

Segundo dados disponíveis na página do SNBP⁵ na Internet, existem atualmente 5.238 bibliotecas públicas (incluindo comunitárias) no Brasil. Contudo, de acordo com

² Citado em <http://www.bn.br/snbp/historico.html>.

³ Idem.

⁴ Ibidem.

⁵ <http://www.bn.br/snbp/acoes.html>.

Luís Milanesi “a maioria mantém o modelo de organização e serviços do século XIX, sem ultrapassar a idéia de um acervo literário – quase sempre desatualizado e insuficiente” (MILANESI, 2003: 19). Além disso, o número é modesto, se considerarmos que se trata de um país com 5.564 municípios e população próxima dos 200 milhões de habitantes. Embora esteja em curso um programa do Ministério da Cultura que visa modernizar as bibliotecas e outro cujo objetivo é zerar o número de municípios sem bibliotecas no Brasil, é evidente que ainda falta muito a se fazer nesse campo.

De qualquer forma, o conceito que orienta esses programas traz um novo ingrediente, que será decisivo para a compreensão do contraste entre as bibliotecas que temos e as que desejamos. A ex-Secretária de Articulação Institucional do MinC, Silvana Meireles, em entrevista na própria página do Ministério, afirma que esse conceito parte de uma “visão ampliada da biblioteca”. Nesse contexto, ela é percebida como “espaço de fruição, difusão e produção cultural”. O objetivo é que “as bibliotecas se tornem centros culturais dinâmicos e interativos, estimulando a formação cidadã, o convívio social e o desenvolvimento regional”⁶.

Sem dúvida, é preciso tomar cuidados nesse processo, a fim de não criar uma situação em que as bibliotecas percam de vista o sentido de sua própria existência. Um dos maiores especialistas no assunto do país, Felipe Lindoso, evidencia um fator que deve ser levado em consideração:

Apesar do surgimento de meios tecnologicamente mais atualizados de obtenção e circulação de informação [...], como os computadores, é no livro que temos o instrumento fundamental e insubstituível de transmissão do conhecimento acumulado pela humanidade. (LINDOSO, 2004: 135).

As mudanças propostas pelo Ministério da Cultura, em especial aquelas que objetivam introduzir linguagens, tecnologias e formas não ligadas ao livro para o acesso à leitura e à cultura no espaço das bibliotecas, certamente, não se operarão sem problemas, sem encontrar obstáculos em pelo menos três frentes.

Em primeiro lugar, a própria realidade das bibliotecas públicas, em inúmeros casos, talvez a maioria, não corresponde ao ideal que se faz delas. Em alguns casos, os livros são escassos e desatualizados; em outros, o prédio onde funciona é inadequado;

⁶ In <http://www.cultura.gov.br/site/2009/04/24/cada-municipio-uma-biblioteca-2/>.

ou os profissionais designados para gerenciar o espaço não são suficientemente preparados para a função, entre outros empecilhos.

Depois, em determinados contextos, pode acontecer de a biblioteca existir e ser bem estruturada, mas o gestor público (Prefeito, Secretário de Cultura ou Educação...) não se interessar pelo espaço e negligenciar-lhe a devida atenção. Nesse caso, ela seria tão somente um depósito sofisticado de livros incapaz de cumprir sua missão social. O mais provável é que, depois de algum tempo nessa situação, ela acabasse fechando as portas.

Por último, é preciso contar ainda com a eventual resistência de bibliotecários, educadores ou gestores públicos de cultura e/ou educação às mudanças propostas. Apegados a uma certa tradição das bibliotecas, o medo desses “aficionados”, como percebeu Luiz Tadeu Feitosa, é o de que “a biblioteca perca suas funções” (FEITOSA, 1998: p. 19). Para estes, as bibliotecas têm algo de sagrado e devem preservar seu “princípio ordenador”. Por outro lado, esse mesmo autor é quem afirma que “grande parcela dos teóricos da biblioteca pública clama por uma biblioteca pública mais participativa, mais próxima da comunidade e mais ciente de sua importância para a construção de uma cidadania plena” (FEITOSA, 1998: p. 21).

A Superintendente do Livro e Leitura da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, Vera Saboya, em entrevista para esta pesquisa, constata que um dos problemas que se enfrenta nesse campo hoje decorre do abandono das políticas. “Profissionais e funcionários que se dedicaram, ao longo dos últimos 20 anos, a construir uma rede, nunca foram levados a sério. Não houve apoio para a construção de um Programa de Livro, Leitura e Bibliotecas”. Vera, que está empenhada em trabalhar no sentido da construção de uma rede capaz de criar e efetivar esse programa, considera que o desafio agora é transformar “o Programa de Governo em Programa de Estado. E isso depende de nós todos, governo e sociedade civil” (SABOYA, 2011).

As bibliotecas parque, experiência iniciada em Medellín, na Colômbia, e que foi replicada com notável êxito no Rio de Janeiro, parece indicar um caminho mais decidido nessa direção. Conforme Vera Saboya:

A Biblioteca Parque é uma biblioteca que provoca um novo impulso iluminista, onde a cultura é o maior valor. Com seu acervo de livros e filmes oferece, além dos clássicos da literatura ocidental e oriental, filosofia (da Grécia Antiga até os dias de hoje), ciências políticas (atendendo à intensa militância das comunidades), ecologia, livros de

arte, cinema e fotografia, e toda sorte de literatura de qualidade para crianças e jovens, a Biblioteca Parque vem com força para dar acesso ao conhecimento e estimular a criação. Ela é uma biblioteca que produz pensamento e arte (SABOYA, 2011).

Portanto, é a partir de prerrogativas como esta que pretendo desenvolver esta pesquisa. Os três itens que as bibliotecas devem estimular – “formação cidadã, convívio social e desenvolvimento regional” – estão intrinsecamente vinculados às possibilidades de construção e aprofundamento da democracia no país. Não se espera que as bibliotecas da Baixada, hoje, funcionem nos moldes de uma Biblioteca Parque, mas é desejável a construção de uma na região, mas que apontem caminhos para essas realizações.

Com uma história marcada por concentração de renda, desigualdades sociais e falta de acesso aos bens educacionais, econômicos e culturais para a maioria da população, as públicas públicas de interesse no Brasil, inclusive no campo da cultura, durante muito tempo restringiram-se quase que apenas aos estados do sul, e nestes somente aos centros. As bibliotecas públicas podem ter um papel especial na reversão desse quadro. Afinal, apesar de precárias e insuficientes, elas são os equipamentos culturais mais numerosos no país, de norte a sul, de leste a oeste.

IV BIBLIOTECAS E A BAIXADA FLUMINENSE

Delimitamos o recorte de nossa pesquisa à região conhecida como Baixada Fluminense. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Baixada é composta por 14 municípios. No entanto, esta lista inclui o município de Mangaratiba, o qual é preferentemente identificado com a região conhecida como Costa Verde (que abriga ainda Angra dos Reis, Ilha Grande, Itacuruçá e Parati).

Na verdade, um aspecto no mínimo curioso desta pesquisa refere-se justamente à dificuldade para definir, delimitar e conceituar com precisão o que seria *Baixada Fluminense* e quais seus limites territoriais e/ou políticos. Sei que o leitor, como eu próprio inicialmente, pensará que exagero. No entanto, embora estivesse claro pra mim o que era, quais os limites e que municípios compunham a região, quando precisei de um documento oficial, um estudo qualquer que legitimasse esse entendimento, não o encontrei. É possível que exista, mas, dada a grande quantidade de pessoas política, afetiva ou intelectualmente ligadas à região que consultei, não é nada fácil localizar um documento qualquer onde se leia que aquele recorte territorial específico é a Baixada Fluminense. A não ser de forma vaga, imprecisa. Algumas vezes, do ponto de vista geográfico, a Baixada é descrita como uma extensão territorial que, em realidade, abarca toda a Baixada Litorânea do estado do Rio de Janeiro. Do ponto de vista geopolítico, às vezes ela é composta por 14; outras vezes, até por sete ou oito municípios.

Esse fenômeno se complica consideravelmente ao considerarmos municípios localizados nas bordas da região, os quais têm um estatuto mutante, capaz de dividir opiniões. É o caso de Itaguaí, por exemplo, que aparece amiúde vinculado à região administrativa da Costa Verde, junto com o município de Mangaratiba, que mencionei acima; ou então de Guapimirim, que poderia ser considerado como situado na região serrana.

Uma pista importante para essa definição é uma peça de propaganda de um programa formulado pelo governo do estado durante a gestão do Governador Marcello Alencar. Segundo esse documento, a Baixada Fluminense se tornaria “região prioritária para investimentos em obras e serviços públicos”. Para realizar esse objetivo, foi criada a Secretaria de Estado de Desenvolvimento da Baixada Fluminense e Municípios Adjacentes – SEBAMA –, cuja missão era integrar e supervisionar “as Políticas

Públicas e identificar e ordenar as necessidades sociais expressas pelas lideranças políticas e pela sociedade civil”⁷. Ao descrever o território que seria objeto das políticas propostas pela SEBAMA, o texto do folder informa:

Abrangendo os municípios de Guapimirim, Magé, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Nova Iguaçu, Queimados, Japeri, Paracambi e Itaguaí, e abrigando uma população de quase 3 milhões de habitantes⁸, a Baixada é uma das regiões mais densamente povoadas do Estado [sic]

Há ainda um estudo de Luís Otávio de Farias, utilizado como subsídio à implementação de um projeto de cooperação técnica intitulado “Percurso de Colaboração para Implementação de Políticas de Desenvolvimento Local Integrado”, celebrado entre a Presidência da República do Brasil e os governos das Regiões Italianas de Marche, Toscana e Úmbria. Nesse estudo, Farias afirma categoricamente que “a região da Baixada Fluminense, selecionada como uma das áreas alvo do Projeto, faz parte da Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro. É formada por um conjunto de 13 municípios [...]”. E lista os mesmos treze que selecionaremos para a nossa pesquisa, conforme se pode ler adiante.

Em um trabalho exaustivo do Inepac – *Baixada Fluminense, a construção de uma história: sociedade, economia, política* (TORRES, 2008) –, há informação em quantidade e qualidade e, mesmo assim, é preciso juntar fragmentos para se ter a exata dimensão do território, de sua formação no tempo e no espaço, de seus marcos fundadores. Num de seus dois volumes, dedicado a um ensaio fotográfico sobre a região, a abordagem é feita município a município, o que permite pelo menos entender a formação de cada um deles. Aqui também confirma-se a delimitação da Baixada Fluminense como um território formado por 13 municípios: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica.

⁷ Folder de divulgação do Pró-Baixada – Programa de Ações Integradas de Governo pra a Baixada Fluminense, lançado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro através da SEBAMA - Secretaria de Estado de Desenvolvimento da Baixada Fluminense e Municípios Adjacentes.

⁸ Neste documento, em vez de 13, são listados apenas 11 municípios. Isso acontece porque, à época que ele foi publicado (não há data disponível na publicação, mas como foi produzido no governo Marcello Alencar, é provável que tenha sido logo no início do seu mandato, que foi de 1995 a 1999), dois municípios ainda não haviam se emancipado, portanto ainda não existiam como tal: Seropédica, emancipado do município de Itaguaí, em outubro de 1995; e Mesquita, que se separou de Nova Iguaçu apenas em setembro de 1999. Quanto à densidade populacional, o número se refere ao censo daquele período. Hoje, como se verá adiante, a população da Baixada aumentou consideravelmente.

O fato é que, talvez, isso não importe tanto. Na verdade, não há *uma* Baixada Fluminense. Pelo menos não como um território contínuo homogêneo e bem definido – constatação, aliás, que já é um clichê, serve para quase toda análise sobre quaisquer regiões, de um bairro, ou uma rua, a um país inteiro. De qualquer forma, ao andar por toda essa região, o que se percebe é um território múltiplo, complexo, heterogêneo. O contraste entre, por exemplo, Duque de Caxias e Paracambi, ou entre Guapimirim e Nova Iguaçu, é muito acentuado, impedindo a consolidação de uma identidade geopolítica bem delineada. Por outro lado, é necessário definir um recorte o mais objetivo possível, a fim de garantir as condições para o desenvolvimento da pesquisa. E este, com os treze municípios citados anteriormente, foi o adotado aqui, por me parecer o mais adequado e consistente historicamente.

Considerando esse recorte, a população da Baixada Fluminense, conforme o Censo realizado pelo IBGE em 2010, é de aproximadamente 3,6 milhões de habitantes. O índice populacional varia muito de município para município. Há os muito populosos, como Nova Iguaçu e Duque de Caxias, que beiram a marca de 800 mil; e os pouco populosos, como Paracambi e Guapimirim, na faixa dos 50 mil; além dos intermediários, como Belford Roxo e São João de Meriti, cuja população é próxima dos 500 mil habitantes⁹.

A Baixada Fluminense tem sido com frequência estigmatizada, associada aos estereótipos de violência, pobreza e ausência de serviços básicos como saúde, educação, habitação e cultura. Segundo Luís Otávio de Farias, “a região é nacionalmente reconhecida pela concentração de pobreza urbana, aliada a déficits de infra-estrutura e à carência de políticas públicas eficazes” (FARIAS, 2005). O folder de divulgação do Pró-Baixada, que citamos acima, diagnosticava os mesmos problemas ainda na não tão distante década de 1990.

Vetor de expansão da cidade do Rio de Janeiro, nos anos 50 e 60, a Baixada, em razão da legislação permissiva de parcelamento e uso do solo, então vigente nos municípios, transformou-se num extenso aglomerado urbano formado por contínuos assentamentos populares, desprovidos em sua maioria de equipamentos sociais e serviços básicos de infraestrutura (ver nota de rodapé 1).

Apesar de todos os problemas, que na verdade remetem a décadas – se não séculos – de descaso e omissão por parte da maioria dos gestores públicos, locais ou

⁹ Dados obtidos in www.ibge.gov.br.

não, essa região se insere agora em um contexto bastante diferente. Nos últimos oito anos, enquanto o mundo inteiro enfrentava crises econômicas, envolvia-se em conflitos locais e globais e práticas políticas conservadoras, o Brasil inventava modos inovadores de gestão política, dos quais o bolsa-família talvez seja o melhor exemplo. No campo da cultura, os avanços são notáveis. Ainda que persistam inúmeros problemas, um caminho interessante e transformador foi aberto e consolidado.

A Baixada Fluminense não ficou alheia a esse processo. A cultura na região, há muito tempo, é um modo de estar na vida, de habitar o território, de agir nele e transformá-lo. Em que pese o quase total desinformação reinante, mesmo para os moradores da região, ela já deu inúmeras e importantes contribuições para a cultura brasileira. Das bandas de reggae de Belford Roxo aos grupos de teatro de Duque de Caxias, a riqueza da cena cultural de cada município não deixa a desejar a qualquer outra localidade.

Além disso, em 2009, os gestores públicos de cultura da Baixada se reuniram para criar um Fórum no qual os interesses comuns da Baixada no campo da cultura encontrassem um espaço de debate e ação. Sem encontrar empecilho nas diferenças políticas, nas distâncias geográficas, tampouco nas filiações estéticas de seus participantes, a proposta do grupo consistia em partilhar as virtudes e contradições dessa comunidade imaginada a que se designou Baixada Fluminense.

Nesse contexto, em que a cultura se mostra um aspecto relevante, é de se esperar que as bibliotecas possam desempenhar um papel à altura. De todas as possibilidades culturais, aquelas que envolvem o livro e a leitura talvez sejam as que mais se ressintam da ausência de políticas públicas eficazes. Afinal, num país com o déficit de leitura que tem o nosso, os altos índices de analfabetismo funcional e os problemas que conhecemos na área de educação, as bibliotecas – e o livro de modo geral – acabam sofrendo mais intensamente as consequências desse distanciamento do Estado de suas atribuições precípuas. Esse fenômeno se agrava ainda mais nas áreas periféricas e pobres, onde a biblioteca dificilmente será uma prioridade de governo. Será esse o caso da Baixada?

A antropóloga francesa Michèle Petit prognosticou, em *A arte de ler*, que a leitura pode ser um potente aliado para se resistir às adversidades, como ela indica já no sub-título do livro. Michèle aborda experiências de mediação de leitura em contextos adversos, notadamente na América Latina, em países como Colômbia e Brasil. A antropóloga francesa parte da ideia de que a leitura pode contribuir para o bem-estar.

Assim, coleta narrativas as mais interessantes sobre a relação entre leitura e modos de estar na vida. Ela, como afirma o texto da contracapa do livro, “investiga as diferentes maneiras pelas quais a forma narrativa pode atuar como educadora da sensibilidade, ao mesmo tempo em que se afirma como um poderoso instrumento de resistência ao caos interior e à exclusão social”. Em seu texto, a autora recorre aos aspectos extraordinários das práticas de leitura em áreas marcadas por conflito. Em minha pesquisa busco, por outro lado, o aspecto mais ordinário, mais cotidiano dessas práticas. Por isso mesmo, elejo as bibliotecas públicas como os locus das experiências de leitura na Baixada Fluminense.

Em uma verificação prévia na página da Fundação Biblioteca Nacional na Internet e também junto às secretarias de cultura desses municípios, identificamos 23 bibliotecas nos 13 municípios que compõem o escopo desta pesquisa. Todavia, na prática, muitas delas foram fechadas, ou são bibliotecas comunitárias. Com isso, defini as bibliotecas centrais como o escopo da pesquisa a ser desenvolvida. Uma boa notícia é que há pelo menos uma biblioteca pública em cada um dos treze municípios da Baixada. Este será, portanto, o corpus sobre o qual será desenvolvido o trabalho. Todas elas integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e uma parcela significativa recebeu o kit de modernização do MinC, o que as qualifica plenamente para a realização deste projeto.

Como funcionam essas bibliotecas? De que acervo dispõem? Que relação mantêm com a população de cada município? São apenas espaços de consulta e leitura solitária ou terão se convertido em espaços de convivência? Elas de fato contribuem para a democracia e a cidadania, como prevê o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, ou são apenas depósitos empoeirados de livros? No desenvolvimento desta pesquisa, buscamos respostas para essas e outras perguntas que se farão pertinentes durante o processo. Afinal, as possibilidades de construção democrática e fortalecimento da cidadania a partir das bibliotecas públicas serão tributárias da qualidade da relação que estas mantêm com o território no qual se localizam.

Por isso, é uma região privilegiada para os objetivos a que me propus ao apresentar este projeto de pesquisa. Além disso, a diversidade de agentes sociais presentes na Baixada – muitos deles frequentadores das bibliotecas locais – é expressiva da complexidade do processo de (re)produção e (re)organização do território, manifestando interações desigualdades e conflitos tanto na dimensão econômica e política como em termos simbólicos e culturais. Portanto, é para o território que

convergem ações articuladas e/ou fragmentadas que envolvem o Estado e a Sociedade Civil na construção das condições, formas e processos que fazem e refazem nosso ser no mundo, os nossos posicionamentos no espaço público e a nossas possibilidades de mudança.

V A Baixada e as Bibliotecas, município a município¹⁰

Estas observações visam menos fornecer um detalhamento da história e contexto de cada município que introduzir alguns pontos para situar, no interior de cada um, as respectivas bibliotecas públicas municipais centrais.

Os gestores, assim como os usuários, também foram convidados a responder um questionário sobre a biblioteca e seu funcionamento. Nem todos puderam fazê-lo, por diferentes motivos, mas obtivemos uma mostra de 10 em 13 bibliotecas, o que é bastante significativo.

Infelizmente, não poderemos fazer correspondência entre os mapeamentos de gestores e os de usuários, uma vez que algumas destas bibliotecas (a de Nilópolis, por exemplo), permaneceram fechadas para obras depois de o gestor ter respondido ao questionário. Outras reabriram, mas não a tempo de permitir a realização da pesquisa.

No trecho a seguir, trataremos de todas as bibliotecas que acessamos na Baixada, mesmo aquelas em que não foi possível realizar a pesquisa com os usuários ou com os gestores.

Cabe ainda salientar que este mapeamento não pode, nem pretende, revelar a verdade sobre as bibliotecas públicas da Baixada. Como em qualquer experiência semelhante, ele pretende uma aproximação ao tema, um diálogo com centenas de interlocutores num universo onde há muitos milhares de agentes.

Aqui, contactei 473 usuários de bibliotecas na Baixada, mais dez gestores, ao longo de oito meses de trabalho de campo, percorrendo distâncias enormes, realidades distintas, contextos assimétricos. Também não havia tempo para conferir, num universo tão amplo de questões, cada resposta detalhadamente. Na verdade, parti do pressuposto de que os entrevistados diziam a verdade e, sempre que possível, uma vez que eu próprio estava nos locais, em cada biblioteca de todos os municípios (com exceção de Magé) da Baixada Fluminense.

¹⁰ Os dados referentes à população de todos os municípios são relativos ao Censo 2010 e foram obtidos na página do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. O conteúdo foi elaborado a partir de conhecimento pessoal e também adaptado e editado dessa mesma página eletrônica e da publicação *Baixada Fluminense: memória fotográfica*, do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – INEPAC, da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, organizada por Marcus Antônio Monteiro Nogueira.

A experiência trouxe à luz informações importantes, que talvez possam contribuir para pensarmos o futuro dessas instituições, como incrementá-las e enriquecer seu papel social.

<p>Belford Roxo</p>	<p>Belford Roxo nasceu em uma velha fazenda do brejo, onde havia um engenho de açúcar no início do século XVII. Em 1720, havia no rio Sarapuí um porto que fazia o transporte de mercadorias entre a Corte e as fazendas. Por causa do movimento das marés, os rios transbordavam alagando as terras próximas, formando mangues e brejos. Em 1843, o Visconde de Barbacena vendeu a Fazenda ao Comendador Manoel José Coelho da Rocha.</p> <p>Quando em 1888, aconteceu uma longa e forte estiagem na Baixada Fluminense, uma solução foi apresentada ao governo pelo Engenheiro Paulo de Frontin, que captou em seis dias 15 milhões de litros de água para a Corte. Um ano depois morreria um dos colaboradores de Paulo de Frontin, o Inspetor Geral de Obras Públicas Raymundo Teixeira Belford Roxo, que acabou homenageado com a designação de seu nome à Fazenda e, conseqüentemente, ao futuro município.</p> <p>Fazendo parte da freguesia de jacutinga na margem esquerda do rio Sarapuí, este era o escoadouro natural da produção dos engenhos estabelecidos em seu termo. Belford Roxo possui uma população de 469.332 habitantes e área de 77,8 km².</p> <p>Em uma tarde de outubro especialmente quente de outubro, encontrei o Secretário de Cultura de Belford Roxo, Rômulo Costa e seu assessor, Carlos Bruce Batista, após uma reunião de trabalho. Carlos me apresentou à Biblioteca Pública Municipal Jornalista Tim Lopes.</p> <p>A Biblioteca fica na avenida Bob Kennedy, s/n^o, em Nova Piam. Chegamos a iniciar a pesquisa aqui, mas não pudemos ir em frente uma vez que o espaço, primeiro, foi assaltado no final de 2010. Os ladrões levaram apenas livros do acervo, que à época era de aproximadamente 4 mil exemplares.</p> <p>Em seguida, a Biblioteca entrou em obras, a fim de aumentar o espaço físico, ampliar e incrementar o acervo e instalar o mobiliário e o telecentro adquirido no edital de Modernização de Bibliotecas do MinC. A responsável atual pelo espaço não é formada em biblioteconomia A atendente, Valéria Monteiro, tem formação em gestão e coordena a Biblioteca.</p>
----------------------------	---

<p>Duque de Caxias</p>	<p>Criado em 14 de março de 1931, o Distrito de Caxias, cuja sede seria a antiga Estação de Merit, era formado pelo território desmembrado do Distrito de Meriti, que por sua vez pertencia ao Município de Iguazu (atual Nova Iguazu). O progresso acelerado do novo Distrito resultou na sua elevação à categoria de município em 31 de dezembro de 1943, sob a denominação de Duque de Caxias, com sede na antiga Estação.</p> <p>Desde que se tornou autônomo, o município recebeu significativos incrementos em sua economia. A localização, em seu território de um parque de indústrias, entre as quais a Fábrica Nacional de Motores, foi um dos fatores decisivos para esse rápido desenvolvimento. A refinaria de petróleo em seu território, com seu extraordinário conjunto petroquímico em expansão, somou-se a esses elementos, consolidando no município uma economia pujante, a melhor estruturada de toda a região e uma das melhores do estado. Assim como no tocante à população: Caxias tem a maior densidade da Baixada e a terceira do estado.</p> <p>Infelizmente, essa pujança econômica nem sempre se desdobra em qualidade de vida para o conjunto da população. Em Duque de Caxias, reproduzem-se os mesmos problemas percebidos na maior parte dos municípios da Baixada: poderio econômico e bolsões de miséria, densidade urbana elevada e fragilidade ambiental, alguma atenção ao centro da cidade e negligência com a periferia.</p> <p>Duque de Caxias tem como limites os municípios de Miguel Pereira, Petrópolis, Magé, Rio de Janeiro, São João de Meriti e Nova Iguazu. O Município é dividido em quatro Distritos: 1º Duque de Caxias; 2º Campos Elíseos; 3º Imbariê; 4º Xerém. O município possui uma população de 855.048 habitantes e uma área de 467,6 Km².</p> <p>Sexta-feira, 10 horas da manhã. Na Praça do Pacificador, em Duque de Caxias, o movimento já era impressionante. Uma dupla de músicos peruanos, com suas flautas de bambu, tocavam e cantavam. Pessoas iam e viam, vendedores ambulantes, crianças em uniforme de escola, carros de som e mais o tráfego intenso das vias que ladeiam a praça. No interior do prédio anexo ao Teatro Raul Cortez, entretanto, o clima era outro. Silêncio de monastério, uma tranquilidade aconchegante no espaço que abriga a Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola.</p> <p>Quando cheguei, Júlia, a Bibliotecária, era amparada por dois colegas no alto de uma escada de abrir enquanto trocava uma lâmpada. A responsabilidade pela biblioteca exige eventualmente essas atitudes, melhor que o espaço ficar mal iluminado, ou aguardar um tempo</p>
-------------------------------	--

	<p>quase sempre enorme por um profissional adequado.</p> <p>Mais tarde, Júlia seria substituída na gestão da Biblioteca por Nilbe Pacheco.</p> <p>A Biblioteca Leonel de Moura de Brizola é a maior e mais imponente de toda a Baixada Fluminense. Com projeto de Oscar Niemeyer, ela é um marco importante na cidade. Todavia, sofre com os habituais problemas das obras do arquiteto. Muitos usuários e funcionários da Biblioteca apontam a pouca funcionalidade, a despeito de sua inquestionável beleza e sofisticação.</p> <p>Fundada em 2004, tem acervo entre 10 e 15 mil livros, mas ainda não dispõe de um sistema capaz de promover empréstimos. Dispõe de um a três funcionários na equipe de gestão.</p> <p>A gestora Nilbe não é formada em Biblioteconomia, mas há na equipe funcionária com essa habilitação. Nilbe tem formação universitária, em Letras e Direito. Mora no próprio município de Duque de Caxias.</p> <p>Além do acervo convencional de livros, a biblioteca dispõe de um espaço infantil.</p> <p>Costuma realizar eventos como palestras, exposições, lançamento de livros, curso (contadores de histórias), reuniões diversas.</p> <p>Tem acessibilidade para deficientes físicos e serviço de leitura para deficientes visuais.</p> <p>Para a gestora Nilbe, a biblioteca é: <i>Um lugar de trabalho. Um lugar de realização pessoal. Um lugar onde se pode colaborar com a Cultura.</i></p>
Guapimirim	<p>Em 1565, Simão da Motta, o mesmo da história da fundação de Magé, edificou sua moradia no Morro da Piedade, em cuja vizinhança está, ainda hoje, o porto de mesmo nome, a poucos quilômetros da atual sede municipal. Até 25 de novembro de 1990, portanto, a história de Guapimirim também é a de Magé (ver abaixo o texto sobre esse município), de que fazia parte como seu 3º distrito. O município possui uma população de 51.483 habitantes, ocupando área de 360,7 km².</p> <p>Nessa localidade foi construída, durante o segundo Império, a primeira estrada de ferro da América do Sul. Inaugurada em 1854, a Estrada de Ferro Mauá ligava as localidades de Guia de Pacobaíba e Fragoso, numa extensão de 14,5km. Quando o Imperador Dom Pedro II passou por ali ficou tão impressionado com sua beleza natural que decidiu criar um pedágio para se acessar o local, hoje conhecido</p>

	<p>como Barreira.</p> <p>A Biblioteca Pública Damião Ferreira Tavares localiza-se na rua Alcindo Guanabara, 120, bem no Centro da Cidade. Júlio Camargo, responsável pela gestão da Biblioteca, é químico, jornalista, relações públicas, bibliotecário e cria vacas nas horas vagas. Quis fazer faculdade de Filosofia, como não conseguiu de início, decidiu pela Biblioteconomia, afinal, assim continuaria próximo ao conhecimento, ao saber. Para ele, o recorte territorial Baixada Fluminense não faz muito sentido em Guapi. "A Baixada, salvo algumas exceções, em alguns núcleos aqui e ali, é muito precária em termos de infraestrutura. É muito diferente daqui". Mas também recusa uma eventual identidade serrana. "Não sou da Baixada, nem da Serra. Sou gente".</p> <p>Júlio encontrou a Biblioteca em estado precário. Ele arrumou a casa, pintou organizou e plantou um jardim no pequeno quintal do prédio. Hoje a Biblioteca é um ambiente agradável para a leitura, a pesquisa e a convivência. A Biblioteca tem um acervo entre 20 e 25 mil livros, seu público é dividido em dois extremos: estudantes das escolas da região, que vêm fazer pesquisas; e pessoas de mais idade, que se dedicam a ler e "passar o tempo". A Biblioteca ainda enfrenta problemas burocráticos para liberar os móveis que permitirão o a instalação dos computadores do Kit de Modernização distribuído pelo MinC. Para Júlio, a instalação será um problema, porque as tecnologias digitais acabam sempre desviando a atenção dos livros. Mesmo assim, espera poder instalá-los e disponibilizá-los ao público o mais breve possível.</p>
<p>Itaguaí</p>	<p>O desbravamento do atual território de Itaguaí teve início por volta do século XVII. A colonização remonta à época em que os índios da Ilha do Jaguaramenom, atraídos pelo Governador Martim de Sá, se transferiram para outra ilha, mais ao sul e conhecida como Piaçavera - hoje Itacuruçá. Foi desse local que, mais tarde partiram para o continente, fixando-se nas terras compreendidas entre os rios Tiguaçu e Itaguaí, às quais denominaram Y-tinga.</p> <p>Ponto de passagem privilegiado para os viajantes que se dirigiam às terras de Minas e São Paulo. O próprio Imperador D. Pedro I hospedou-se na localidade quando se dirigiu a São Paulo, onde proclamaria a Independência do Brasil.</p> <p>Dotado de terras férteis, o Município de Itaguaí desfrutou, no século passado, até 1880, de importante atividade rural e comercial, exportando em grande escala cereais, café, farinha, açúcar e aguardente. O advento da Lei Áurea ocasionou crise econômica, uma vez que a mão-de-obra escrava era a base da economia. Esse fato,</p>

	<p>aliado à falta de transportes e à insalubridade da região, concorreu para o desaparecimento das grandes plantações que constituíam a riqueza principal da localidade.</p> <p>Mais tarde, a passagem da antiga rodovia Rio-São Paulo por ali e a implantação de indústria contribuíram para o novo desenvolvimento econômico do Município.</p> <p>A população Itaguaí é de 109.091 habitantes, numa área de 275,8 km².</p>
Japeri	<p>Japeri emancipou-se do Município de Nova Iguaçu na década de 1980. A palavra Japeri é de origem indígena e denominava uma planta semelhante ao junco, que flutuava nos pântanos da região, a qual os índios chamavam yaperi. Essa denominação substituiu o nome de Belém, dado à localidade pelos bandeirantes paulistas responsáveis por sua ocupação, os quais permaneceram em seu território por quase dois séculos. Entretanto, não havia tribos indígenas em Belém, na época sua fundação. As que por aqui passavam eram Itaguaís, que habitavam as terras às margens do Rio Guandu, onde se acha hoje o município de Itaguaí.</p> <p>A história de Japeri tem início em 1743, quando de sua fundação, como Morgado de Belém. No ano de 1951, a antiga Belém passa a constituir, juntamente com Engenheiro Pedreira, o 6º distrito de Nova Iguaçu: Japeri. Por haver, em um só distrito, duas localidades distintas, foram criadas as Administrações Regionais de Engenheiro Pedreira e de Japeri. Como eram politicamente constituídas em um único distrito, surgiram os primeiros movimentos emancipatórios. Um plebiscito em 30 de junho de 1991, com a finalidade de obter a emancipação político-administrativa do distrito, resultou na criação do Município de Japeri, constituído pelas localidades de Japeri, Engenheiro Pedreira, Jaceruba e Rio D'Ouro.</p> <p>Japeri possui uma população de 95.492 habitantes e uma área de 81,8 Km².</p> <p>A Biblioteca Municipal Carlos de Souza fica na rua Leny Ferreira, no Centro de Japeri. Apesar de acanhada, a biblioteca é bem organizada e movimentada.</p>
Magé	<p>Elevado à categoria de município com denominação de Belford Roxo, pela lei estadual n.º 1640, de 03-04-1990, desmembrado de Nova Iguaçu. Sede no antigo distrito de Belford Roxo. Constituído do</p>

	<p>distrito sede. Instalado em 01-01-1993 (IBGE). A Freguesia de Magé tem origem – e pode-se dizer, pela data, que esta é também a origem da própria Baixada – numa capela construída por Simão da Motta, em 1565, num outeiro à margem da Baía da Guanabara em louvor a Nossa Senhora da Piedade, na sesmaria que lhe foi concedida em 7 de setembro do mesmo ano.</p> <p>Em "Síntese" de 31-XII-1994, o município é constituído de 5 distritos: Magé, Guia de Pacobaíba, Inhomirim, Santo Aleixo e Suruí. E assim permanece até hoje.</p> <p>Magé possui uma população de 227.322 habitantes, uma área de 388,5 Km².</p> <p>A biblioteca pública local leva o nome simplesmente de Biblioteca Pública do Centro de Magé. Situa-se à rua Rotary, 2, no Centro da cidade.</p> <p>Não foi possível realizar a pesquisa nesse município, uma vez que a biblioteca está fechada desde 2009. Segundo Marinete Alves de Castro, Coordenadora/Interlocutora da Secretaria Municipal de Educação de Magé, a Biblioteca já dispõe do necessário para abrir e aguarda a resolução de alguns detalhes para, e em breve, reabrir. Segundo Marinete informou, por e-mail enviado em 24 de maio de 2011: “Existe o prédio, localizado no centro de Piabetá, os mobiliários estão no local aguardando inauguração”. E mais nada, além de um convite de passar por Magé quando fosse à biblioteca de Guapimirim, município vizinho.</p> <p>Apesar de não termos tocado neste assunto, é possível que a conturbada situação política de Magé tenha afetado também a gestão da biblioteca. Poucos meses depois de nosso primeiro contato, houve uma eleição extraordinária no município, uma vez que o prefeito anterior havia sido cassado, e foi eleito o candidato de oposição. No momento em que contactamos Marinete, em abril de 2011, não havia um bibliotecário responsável pelo equipamento, nem um profissional diretamente ligado à sua gestão. Marinete respondia, em suas palavras, interinamente, enquanto a biblioteca não reabria e um profissional designado para tal assumisse a sua direção.</p>
Mesquita	<p>O Município de Mesquita deriva de terras pertencentes ao atual Município de Nova Iguaçu que, após a sua reestruturação, fora subdividido em 5 distritos: Iguassú, Pilar, Merity, Marapicu e Jacutinga. Num desses distritos, ficava localizado o Engenho da Caxeira, que ficava às margens do rio de mesmo nome, atual canal Dona Eugênia, ao pé do Maciço de Gericinó. Nos arredores desse</p>

	<p>engenho, cresceu um arraial atender à demanda de tropeiros e carroceiros que por ali passavam.</p> <p>Com a expansão do sistema ferroviário, foram implantadas várias estações sendo que uma delas ficou localizada no centro do antigo arraial da Cachoeira, o qual logo mudou de nome para Jerônimo de Mesquita, em seguida simplificado para Mesquita. O desenvolvimento da região deveu-se à implementação da ferrovia e ao declínio da citricultura.</p> <p>Com a edição da Lei Estadual n.º 3.253, de 25 de setembro de 1999, Mesquita é desmembrado de Nova Iguaçu e instalado em 01 de janeiro de 2001.</p> <p>Mesquita possui uma população de 168.376 e área de 39 km².</p>
<p>Nilópolis</p>	<p>É bastante provável que o Município de Nilópolis tenha feito parte da sesmaria que foi doada a Brás Cubas em 1568. Poucos anos depois de criada a freguesia de Nossa Senhora do Pilar, em terras do atual Município de Duque de Caxias, surgiu na zona litorânea da Guanabara uma outra povoação, fundada com o nome de São João Batista de Trairoponga.</p> <p>Com o advento da via férrea na segunda metade do século XIX, foram abandonados os rios como meio de comunicação, o que provocou o declínio dessa parte da região. Contudo, dada a ação de Nilo Peçanha, o Governo iniciou um programa de saneamento que viabilizou a rápida valorização das terras e seu fracionamento em propriedades menores.</p> <p>Uma delas situava-se na antiga fazenda de São Mateus, que passava ao domínio dos descendentes do Barão de Mesquita. O trecho em que a Central do Brasil tinha construído uma estação de trens, chamada Engenheiro Neiva, foi aos poucos tomada por operários e pequenos empregados, dando origem, deste modo, a um povoado. Essas terras, em homenagem a Nilo Peçanha, receberam o topônimo de Nilópolis.</p> <p>O município possui uma população de 157.425 habitantes, área de 19,4 km².</p> <p>Aqui, quando cheguei à Biblioteca Ruy Barbosa – acompanhado do Secretário de Cultura da cidade, do Sub-secretário e escritor Vítor Loureiro – fui fisgado pela arquitetura robusta e, ao mesmo tempo, luminosa, aberta e acolhedora do novo prédio que a abrigará.</p> <p>Fomos recebidos pela Bibliotecária Aline, que nos guiou pelos diversos espaços da nova biblioteca. Com maior espaço para acervo, leitura, telecentro entre outros setores, e em um endereço ainda mais</p>

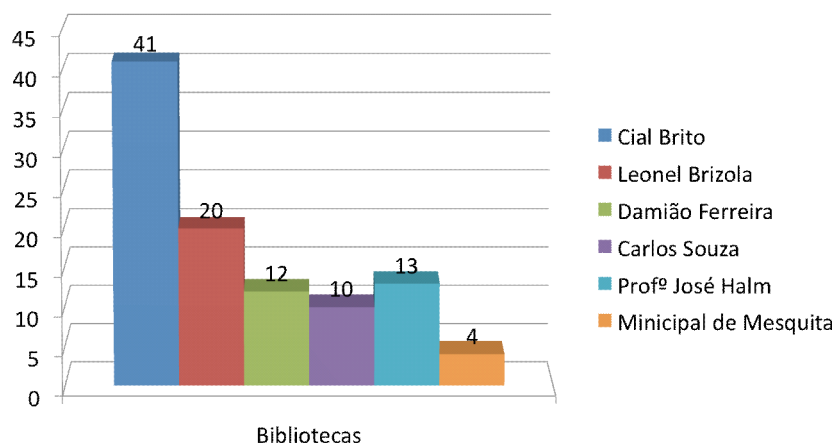
	<p>acessível que o anterior (nas cercanias da rodoviária), ela espera atender mais e melhor o seu público, logo que as obras forem efetivamente terminadas e a biblioteca inaugurada.</p> <p>Infelizmente, como isso não aconteceu até a data final da pesquisa, não pude realizar a pesquisa nesse local.</p>
Nova Iguaçu	<p>Nova Iguaçu é um dos quatro mais populosos municípios do estado do Rio de Janeiro. Na Baixada, é o segundo mais populoso, atrás apenas de Duque de Caxias – embora o supere em área. um dos dois maiores municípios da Baixada Fluminense.</p> <p>Após a divisão do Brasil em capitanias hereditárias, as terras que atualmente formam a cidade de Nova Iguaçu ficaram por muito tempo esquecidas. Só depois de 1566 se registrou na região a existência de sesmarias, as quais, com o correr dos anos, foram se modificando e concorrendo para a colonização gradual da localidade. Com o aumento da população, surgiram várias freguesias, destacando-se a de Nossa Senhora da Piedade de Iguaçu, também conhecida como Nossa Senhora da Piedade do Caminho Velho, cuja criação data de 1719.</p> <p>Entre essa época e os dias atuais, muitos fatores atuaram para efetuar mudanças significativas na cidade. O século XX, com a Segunda Guerra Mundial, a explosão demográfica ocorrida na Baixada Fluminense e no Rio de Janeiro e as disputas entre forças políticas locais trouxeram as mudanças que deram ao município a configuração que mantém, pelo menos em parte, até hoje. A guerra, porque trouxe de forma de forma repentina o fim do cultivo e exportação da laranja – uma cultura que teve um peso enorme da economia de Nova Iguaçu. O crescimento Populacional e as disputas políticas porque, atuando combinadamente, levaram ao fracionamento do território.</p> <p>Nova Iguaçu tornou-se então um gerador de novos municípios, com a Emancipação de Duque de Caxias (que englobava São João de Meriti) em 1943; Nilópolis (1947); Belford Roxo e Queimados (1990), Japeri (1991) e, por fim, Mesquita (1999).</p> <p>Na última década, novas mudanças fizeram de Nova Iguaçu referência não apenas na Baixada, mas em todo o estado e até no país. Investimentos em infra-estrutura nos bairros afastados do centro, em Educação – especialmente com o programa Bairro-Escola – e a explosão imobiliária no centro, entre outros, são fatores que apontam para um novo desenvolvimento da cidade, que talvez só possa ser avaliado de modo consistente nos próximos anos.</p>

	<p>Nova Iguaçu possui atualmente uma população de 796.257 habitantes, área de 521,3 Km².</p> <p>A Biblioteca Pública Municipal Professor Cial Britto é gerida pela bibliotecária Malena Cabral Xavier de Lima. Anteriormente, a biblioteca funcionava em um espaço exíguo, não havia política de empréstimo – na verdade, os alunos sequer podiam escolher os livros nas estantes, tinham que solicitá-los à atendente – e o ambiente era, segundo pudemos apurar com frequentadores antigos, pouco favorável ao convívio criativo, ao acolhimento esperável em uma biblioteca e ao acesso fácil e dinâmico ao conhecimento.</p> <p>Atualmente, a biblioteca funciona em um espaço amplo, diverso, com acervo acessível aos usuários, que podem consultar ou emprestar livros. O telecentro e os outros elementos integrantes do kit de modernização de bibliotecas, obtidos via o já mencionado edital do MinC, também estão disponíveis. A biblioteca, apesar de localizar-se em um pavimento relativamente alto, ao qual se alcança após superar quatro lances de escada (uma vez que o elevador não pode ser operado, devido à falta de manutenção e de um funcionário especializado designado para esse fim), é bastante frequentada, especialmente por alunos – o que é uma constante na maioria das bibliotecas da região – da rede pública de ensino da cidade e suas vizinhas.</p>
Paracambi	<p>Paracambi surgiu a partir da união dos distritos de Paracambi e Taireté, constituindo-se como município independente em 1960. O primeiro havia sido desmembrado de Itaguaí, o segundo de Vassouras. A origem histórica do município remonta ao século XVIII, com a abertura do Caminho Novo, no ano de 1715, por Garcia Rodrigues Paes.</p> <p>O significado do nome de Paracambi, assim como o de Taireté, é macaco pequeno, tendo sido dado por motivo de já existir o Rio dos Macacos. O progresso da antiga Vila acentuou-se com a inauguração da Estrada de Ferro Central do Brasil, então denominada Dom Pedro II, em 1861 e com a instalação de uma fábrica de tecidos em 1895.</p> <p>Possui uma população de 47.124 habitantes, enquanto sua área é de 179,7 Km².</p> <p>Em Paracambi, a Biblioteca Municipal Demistóclides Baptista funciona num prédio hexagonal, embaixo da Secretaria de Educação e no interior da Escola Municipal Prefeito Nicola Salzano, uma antiga unidade do CIEP.</p> <p>Coordenada pela bibliotecária Mara Ney Freire, a biblioteca é</p>

	pequena, mas luminosa e aconchegante.
Queimados	<p>A origem de Queimados, em 29 de março de 1858, remete à visita da família imperial, a bordo do primeiro trem da Estrada de Ferro D. Pedro II, que seguia em missão especial para inaugurar o trecho de 48 km compreendido entre a Estação do Campo até aquela localidade. A população do lugarejo presente ao evento, honrada com a passagem do Imperador, decidiu ser aquele o momento oficial da inauguração do povoado de Queimados.</p> <p>Até o século XVIII, o ponto onde está situado o município era parte das terras da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicu, que, por sua importância econômica, acabou recebendo o título de Freguesia Perpétua. Com a expansão da economia cafeeira, em meados do século XVIII, foi construída a Estrada de Ferro D. Pedro II, trazendo prosperidade à região. O projeto inicial dessa ferrovia previa a extensão dos trilhos até a Freguesia de Nossa Senhora de Belém e Menino Deus, atual Jacutinga. Entretanto, milhares de operários chineses, construtores da estrada, foram vitimados pela malária e pela cólera, que afetou a Colônia, em 1855. Como esse acontecimento retardaria o assentamento dos trilhos, rapidamente foi construída a Estação de Queimados.</p> <p>Um dos mitos de origem do nome do município reside nesse episódio, uma vez que os chineses tinham o costume de queimar os seus mortos. Desde 1833, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicu correspondia a um Distrito Eclesiástico, que era subordinado à Câmara da Cidade do Rio de Janeiro, representado por um Intendente que ficava em Nova Iguaçu, naquela época Vila de Iguassu. Marapicu e Queimados estiveram, durante muito tempo, disputando a sede deste distrito. Em 1944, sob o decreto Lei Estadual, nº 1063, Queimados passa a ser o 2º Distrito de Nova Iguaçu. Foi elevado à categoria de município através da lei estadual nº 1773, de 21-12-1990.</p> <p>A pequena Biblioteca Pública de Queimados Professor José Reinaldo dos Santos Halm tem sede no prédio que também abriga a Secretaria de Educação. A gestão do espaço é, segundo pudemos perceber, um tanto confusa, mas parece ter seu eixo de atuação em torno da professora Nirci Alves.</p>

VI CONHECER E CONVIVER

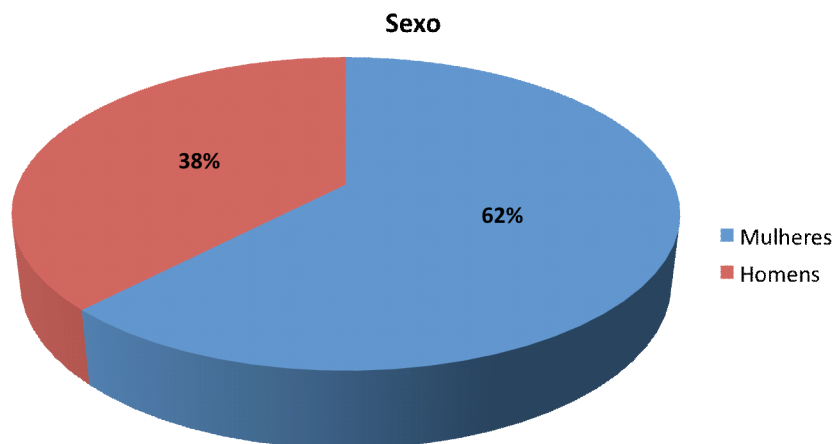
Entrevistas nas bibliotecas



Base: 474

Os dois municípios mais populosos da Baixada Fluminense também têm as bibliotecas melhor equipadas e com maior número de frequentadores por dia. Os formulários para pesquisa foram distribuídos em quantidades simétricas à população de cada município. Desta maneira, as bibliotecas de Nova Iguaçu e Duque de Caxias foram as que receberam o maior número de formulários. Nas duas, a frequência de público é praticamente idêntica – o número elevado da primeira em relação à segunda deve-se, na verdade, ao fato de se ter tido mais tempo para realizar a pesquisa nesta que naquela.

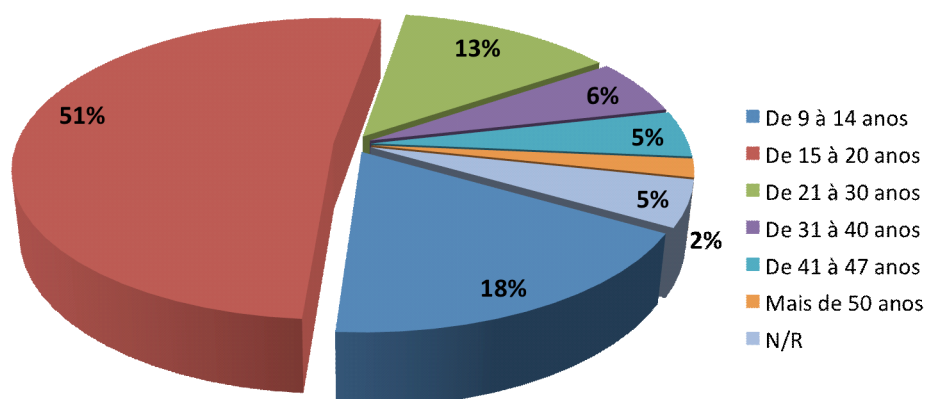
Gênero dos Participantes



Base: 474

A predominância feminina em diversos campos da atividade social é marcante no Brasil contemporâneo. Nas bibliotecas públicas, não é diferente. Durante as visitas que fiz às diversas bibliotecas, foi possível notar a presença acentuada de grupos de pessoas do sexo feminino em grupos de estudo, leitura concentrada e, principalmente, nas tarefas de gestão e administração do espaço.

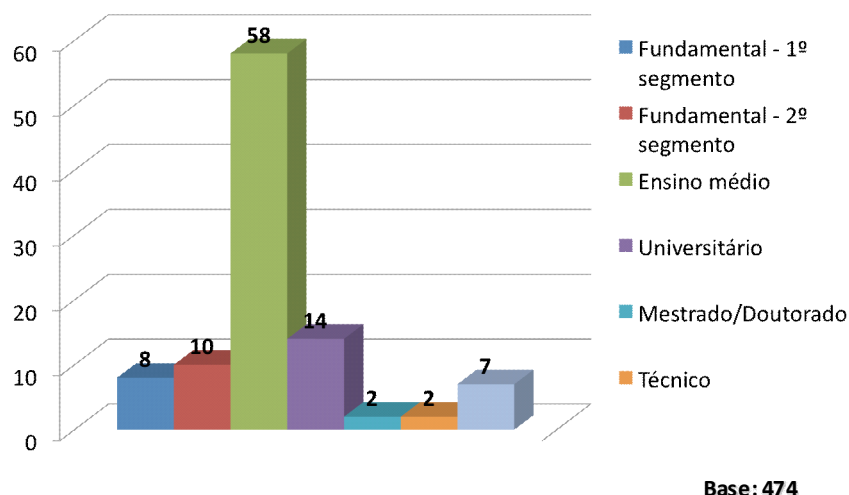
Faixa Etária dos Participantes



Base: 474

Conforme esperava, dada a observação empírica durante a pesquisa de campo, crianças, adolescentes e jovens entre 9 e 20 anos compõem a grande maioria dos frequentadores das bibliotecas públicas na Baixada. A faixa etária responde por 69% do total. O segmento entre 15 e 20 anos corresponde a 51%. E se considerarmos o conceito de juventude da Unesco – para quem o conceito de juventude compreende a faixa entre 15 e 29 anos – pode-se dizer que 64% dos frequentadores das bibliotecas na região são jovens.

Escolaridade

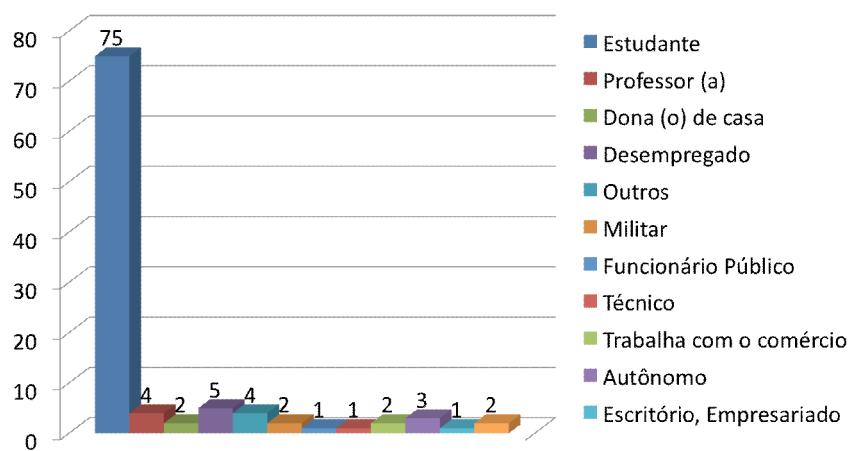


Os dados concernentes à escolaridade alinham com o gráfico anterior, relativo à idade dos usuários. A faixa referente aos estudantes de ensino médio – que oscila justamente entre os 14 e os 17, 18 anos – é sensivelmente majoritária. Muitos desses frequentadores buscam na biblioteca informações para as pesquisas escolares, ou estudar para o vestibular.

Esperava-se, a partir da observação empírica, um índice mais significativo de estudantes do ensino fundamental, uma vez que é impossível não perceber a sua presença nas diversas bibliotecas pesquisadas. No entanto, é importante destacar que a predisposição desse público para preencher longos questionários é menor que a dos usuários mais velhos. Daí, suponho que esse fator tenha interferido decisivamente no número final de 18% de frequentadores do ensino fundamental, sendo 8% do primeiro segmento, que agrupa sobretudo crianças entre 6 e 9 anos.

Surpreende também o baixo número de frequentadores universitários, que respondem por apenas 14% da mostra. Esse número tende a variar de biblioteca para biblioteca, em Nova Iguaçu e Caxias, a presença de estudantes de curso superior é mais significativa (em outra oportunidade...)

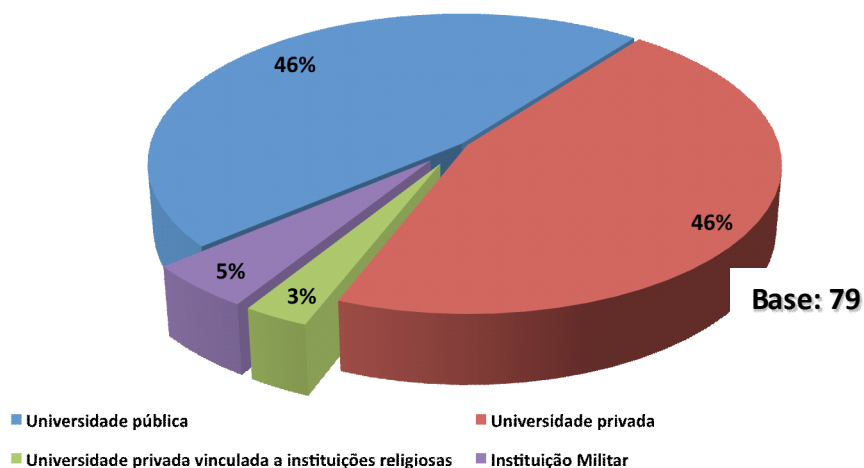
Profissão dos Participantes



Base: 474

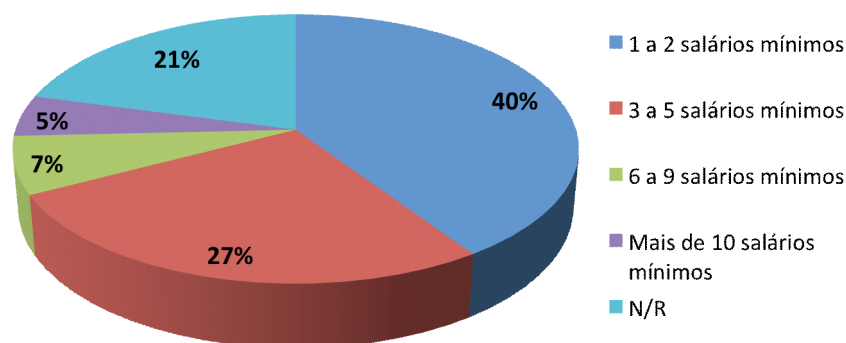
O gráfico ratifica a percepção sobre os frequentadores principais das bibliotecas públicas da Baixada Fluminense. O volume de estudantes supera em muito a soma de todas as outras opções, o que conduz na mesma direção apontada pelos dois gráficos anteriores – sobre faixa etária e escolaridade.

Instituição de Nível Superior



Embora a mostra de estudantes que responderam aos questionários – representando 16% do total, se contarmos também os pós-graduados – não seja elevada o suficiente para autorizar interpretações mais aprofundadas, é interessante notar a simetria entre universidade pública e privada. É possível – mas trata-se apenas de uma intuição – que essa presença de universitários na região da Baixada Fluminense, já seja efeito das políticas públicas para o setor efetivadas nos últimos anos, como o Prouni e o ENEM.

Renda Mensal



Base: 474

Pelo que demonstra o gráfico, o público das bibliotecas públicas da Baixada Fluminense é majoritariamente incluído nas classes C e D¹¹. 67% vivem com renda familiar abaixo de 6 salários mínimos. 40%, recebem entre 1 e 2 salários. Enquanto 27% são da Classe C, com salários entre 3 e 5 mínimos. Desenvolver políticas para que as bibliotecas públicas, não apenas na Baixada, se tornem espaços atraentes de formação para essa camada social é determinante para o futuro desses equipamentos culturais.

¹¹ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE divide as categorias das classes sociais de acordo com a renda familiar mensal. Estão na classe E as pessoas com renda de até R\$ 751. Na classe D figuram as famílias que recebem entre R\$ 751 e R\$ 1.200 por mês. A classe C é composta de famílias com renda entre R\$ 1.200 e R\$ 5.174.

Com que frequência utiliza a Biblioteca?

Frequência por gênero

	Feminino	Masculino	N/R
	%	%	%
Raramente	31	31	50
1 a 3 vezes por mês	21	23	0
4 a 7 vezes por mês	11	15	0
8 a 14 vezes por mês	9	10	0
Mais de 15 vezes por mês	6	4	50
Diariamente	19	16	0
N/R	2	2	0
Base	290	173	2
Total	100	100	100

Embora tenhamos identificado predominância feminina nas bibliotecas, esse domínio não se repete na frequência mensal. As diferenças são desprezíveis e talvez indiquem que o ritmo das pesquisas escolares é que impõe a ida às bibliotecas, daí ser indiferente se o usuário é do gênero masculino ou feminino.

Frequência por Faixa Etária

	9 – 14	15 – 20	21 – 30	31 – 40	41 – 47	Mais de 50 anos	N/R
	%	%	%	%	%	%	%
Raramente	39	33	17	24	32	0	46
1 a 3 vezes por mês	21	18	30	38	9	43	14
4 a 7 vezes por mês	8	13	12	7	23	43	14
8 a 14 vezes por mês	9	10	10	10	5	0	0
Mais de 15 vezes por mês	2	6	7	7	5	14	14
Diariamente	15	20	22	10	23	0	9
N/R	5	0,5	3	3	5	0	5
Base	85	249	60	29	22	7	22
Total	100	100	100	100	100	100	100

Apesar de 46% responderem que acessam as bibliotecas raramente, é perceptível, nas faixas intermediárias – entre 1 e 7 vezes por mês – o destaque para a faixa etária compreendida entre 15 e 40 anos e na que supera os 50 anos; embora a faixa de 9 a 14 anos também apareça bem na frequência de 1 a 3, e de 41 a 47 se destaque na de 4 a 7 vezes por semana. Além disso, a faixa entre 15 e 20 anos é significativamente mais numerosa que as demais, confirmando a hegemonia da presença jovem nas bibliotecas públicas da Baixada Fluminense.

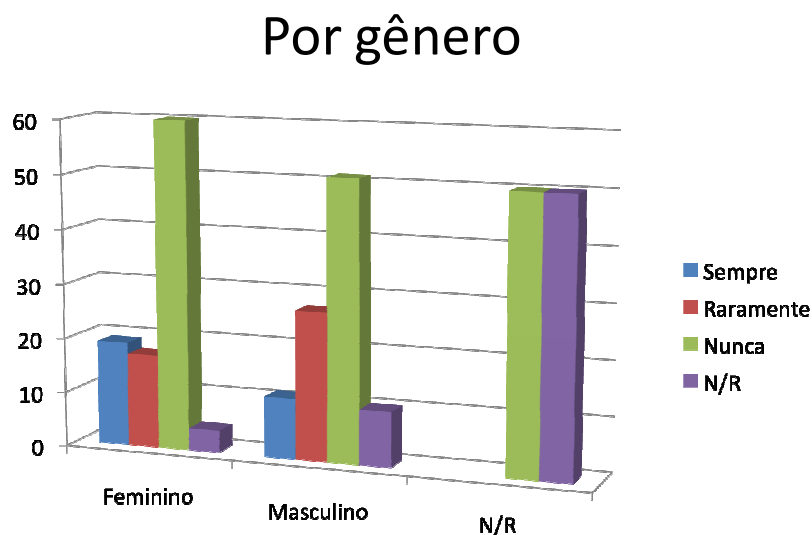
De qualquer forma, é possível perceber que, a despeito do número elevado dos que frequentam as bibliotecas raramente, há uma certa regularidade de visitas às bibliotecas. No geral, metade dos usuários dos municípios da Baixada Fluminense vão às bibliotecas pelo menos uma vez por mês.

Frequência por município

	Município						
	Nova Iguaçu	D. Caxias	Guapimirim	Japeri	Queimados	Mesquita	N/R
	%	%	%	%	%	%	%
Raramente	26	18	24	65	48	28	50
1 a 3 vezes por mês	24	16	24	18	22	17	0
4 a 7 vezes por mês	10	13	22	8	14	17	0
8 a 14 vezes por mês	12	13	7	0	3	11	0
Mais de 15 vezes por mês	5	12	7	2	2	6	0
Diariamente	20	28	14	6	9	22	0
N/R	3	1	2	0	3	0	0
Base	193	95	58	49	59	18	2
Total	100	100	100	100	100	100	100

Quando o recorte é por município, cabe salientar as diferenças de tamanho da população e da própria biblioteca. De qualquer forma, chama a atenção o número significativo de frequentadores assíduos na Biblioteca Cial Brito, em Nova Iguaçu, e na Leonel Brizola, em Caxias, ambas com elevado número de usuários que as frequentam diariamente.

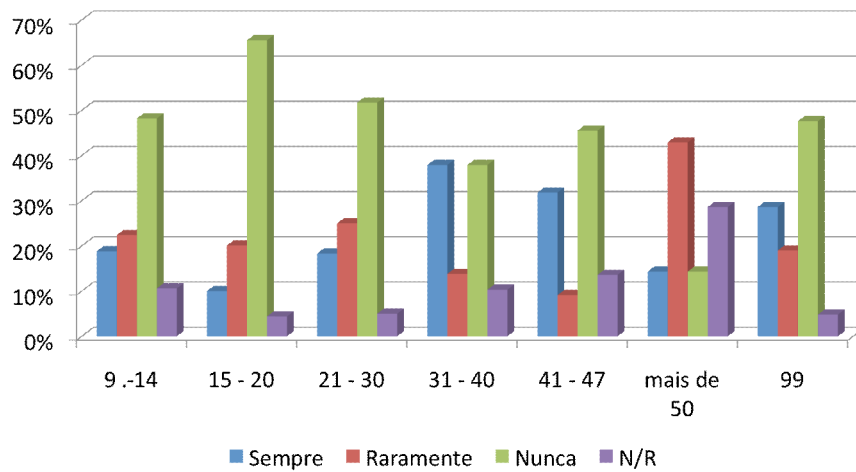
Costuma apanhar livros emprestados na Biblioteca?



Base: 465

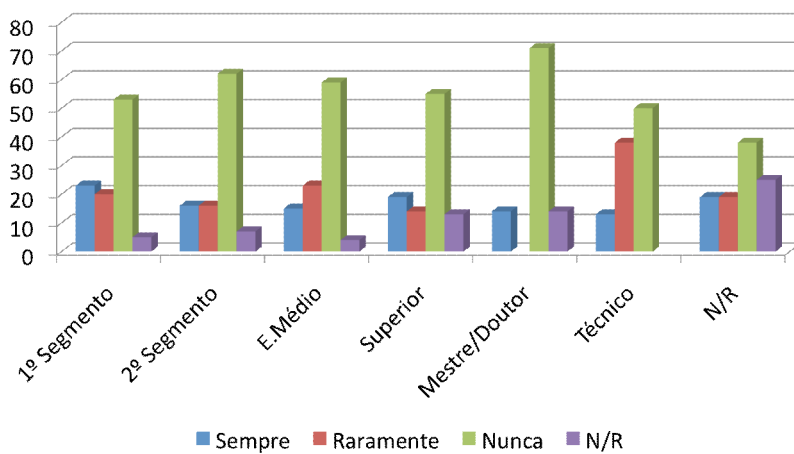
É preciso considerar dois fatores para justificar o mal desempenho no quesito empréstimo de livros. Por um lado, em algumas bibliotecas, até o momento de fechamento desta pesquisa, o empréstimo de livros não é permitido. Por outro lado, mesmo que nas que permitem o empréstimo, a divulgação desse serviço e os métodos para realizá-lo ainda precisam ser aperfeiçoados e receber mais investimentos, no sentido de estimular os usuários das bibliotecas a criarem o hábito, a cultura, de tomar livros emprestados com frequência.

Por Faixa Etária

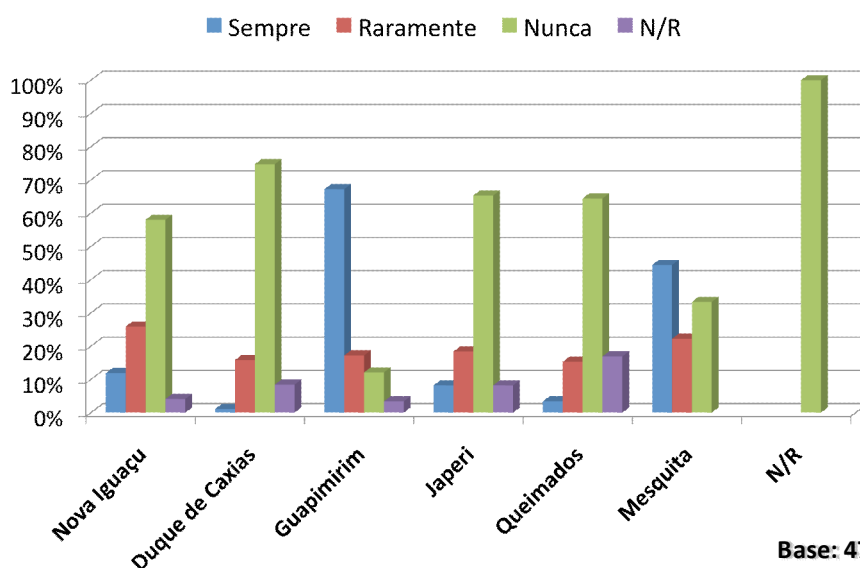


Base:473

Por Escolaridade



Por Município



Constata-se que, embora em bibliotecas como a de Nova Iguaçu haja uma razoável política de empréstimo, adotada e incentivada por seus gestores, esta ainda não é uma prática disseminada, talvez pelas razões apontadas acima. Em Duque de Caxias, pesa o fato de que, até o encerramento da pesquisa, ainda não havia sido elaborado o sistema que permitiria adotar o empréstimo de livros.

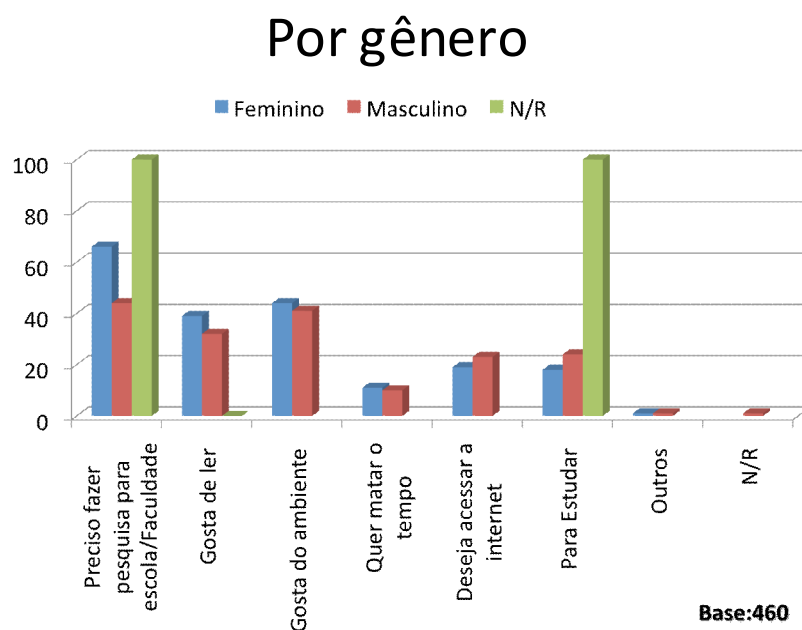
Já em Guapimirim e Mesquita, a despeito do fato de serem bibliotecas localizadas em municípios menores, merece destaque o volume alto de usuários que sempre emprestam livros. Denota uma prática já arraigada da biblioteca e apropriada pelos usuários.

Por Renda Mensal

	Salários mínimos				
	1 a 2	3 a 5	6 a 9	Mais de 10	N/R
Sempre	21%	13%	6%	5%	17%
Raramente	22%	19%	3%	36%	22%
Nunca	51%	64%	83%	55%	49%
N/R	6%	4%	9%	5%	13%
Base	193	127	35	22	96
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Talvez a possibilidade de comprar os livros de que necessita faça com que os usuários de maior poder aquisitivo emprestem menos livros nas bibliotecas.

Por que frequenta a Biblioteca?



Esta questão, que demonstra que a necessidade de realizar pesquisas escolares é o grande motivador da ida às bibliotecas, traz alguns dados interessantes. Gostar do ambiente, logo em segundo, aponta para uma questão crucial, que é a de se estabelecer uma relação entre o usuário e a biblioteca que vá além do acesso aos livros, à internet ou outros equipamentos, e seja capaz de deixá-lo à vontade no espaço. Na prática, ainda falta bastante a ser construído nesse sentido, mas o número alto de respostas positivas nessa questão indica um vetor ascendente.

O mesmo vale para a questão “gosta de ler”. É um número ainda inferior à metade dos que responderam à questão, mas significativo em se tratando de um universo habitualmente estigmatizado como *não leitor*.

Por Faixa Etária

	Faixa Etária						
	9 – 14	15 – 20	21 – 30	31 – 40	41 – 47	Mais de 50 anos	N/R
	%	%	%	%	%	%	%
Pesquisa para escola/facul	71	58	58	43	38	14	53
Gosta de ler	40	30	38	61	48	71	42
Gosta do ambiente	33	47	47	43	38	14	42
Quer matar o tempo	15	11	3	7	10	0	11
Deseja acessar a internet	29	16	18	25	19	43	42
Para Estudar	6	25	30	25	5	14	5
Outros	0	1	0	0	10	0	5
N/R	1	0,5	2	0	0	0	0
Base	85	248	60	28	21	7	19
Total	100	100	100	100	100	100	100

Dois dados importantes, que complementam a informação anterior.

Os que responderam *gostar de ler* são mais representativos na faixa acima de 50 anos (e depois nas faixas entre 31 e 47), mas esse número continua respeitável na faixa entre 9 e 30 anos.

E os que *gostam do ambiente* estão bem distribuídos em todas as faixas, mas com notável destaque para a juventude, se a considerarmos como a faixa entre 15 e 30 anos.

Por Escolaridade

	Escolaridade						
	1º Segmento	2º Segmento	Ensino Médio	Universitário	Mestrado/Doutorado	Técnico	N/R
	%	%	%	%	%	%	%
Preciso fazer pesquisa para escola/facul	65	62	57	49	14	43	72
Gosta de ler	40	38	34	46	29	71	31
Gosta do ambiente	35	36	44	56	14	71	31
Quer matar o tempo	13	20	10	2	29	29	9
Deseja acessar a internet	25	42	19	13	14	71	9
Para Estudar	3	11	26	21	29	14	3
Outros	0	2	1	0	14	14	3
N/R	0	0	1	2	0	0	3
Total	40	45	276	61	7	7	32
Base	100	100	100	100	100	100	100

Por Município

	Município						N/R
	Nova Iguaçu	D. Caxias	Guapimirim	Japeri	Queimados	Mesquita	
	%	%	%	%	%	%	%
Preciso fazer pesquisa para escola/facul	58	41	48	80	81	33	100
Gosta de ler	38	28	59	27	24	56	100
Gosta do ambiente	53	46	41	29	19	28	0
Quer matar o tempo	9	16	7	14	2	0	0
Deseja acessar a internet	27	20	3	20	28	17	0
Para Estudar	22	43	5	4	5	0	0
Outros	2	2	2	0	0	0	0
N/R	1	1	0	0	0	0	0
Base	189	95	58	49	58	18	1
Total	100	100	100	100	100	100	100

Por Renda Mensal

	Salários mínimos				
	1 a 2	3 a 5	6 a 9	Mais de 10	N/R
	%	%	%	%	%
Preciso fazer pesquisa para escola/faculdade	69	54	40	59	44
Gosta de ler	38	38	26	36	37
Gosta do ambiente	35	47	60	64	42
Quer matar o tempo	13	11	9	18	4
Deseja acessar a internet	28	21	9	18	11
Para Estudar	12	22	43	27	24
Outros	0	2	3	5	1
N/R		0	0	0	3
Base	189	127	35	22	95
Total	40	27	8	5	20

O que utiliza na Biblioteca?

Por gênero

	Feminino	Masculino	N/R
	%	%	0
Consulta aos livros	65	55	100
Empréstimo de livros	25	17	0
Espaço para estudos	51	55	50
Espaço infantil	5	3	0
Hemeroteca	4	3	0
Internet	41	40	0
Videoteca	1	2	0
Outros	0,5	0	0
N/R	2	2	0
Base	290	172	0,4
Total	100	100	100

Por Faixa Etária

	Faixa Etária						
	9 – 14	15 – 20	21 – 30	31 – 40	41 – 47	Mais de 50 anos	N/R
	%	%	%	%	%	%	%
Consulta aos livros	58	62	68	69	50	43	52
Empréstimo de livros	17	16	37	35	36	57	29
Espaço para estudos	25	68	56	38	18	14	29
Espaço infantil	7	2	3	7	9	29	0
Hemeroteca	1	4	5	7	9	0	0
Internet	57	37	42	31	23	29	52
Videoteca	4	0	0	0	0	0	14
Outros	0	0	0	0	0	0	5
N/R	2	1	2	0	9	14	0
Base	85	249	59	29	22	7	21
Total	100	100	100	100	100	100	100

Por Escolaridade

	Escolaridade						
	1º Segmento	2º Segmento	Ensino Médio	Universitário	Mestrado/Doutorado	Técnico	N/R
	%	%	%	%	%	%	%
Consulta aos livros	73	38	64	64	43	50	59
Empréstimo de livros	28	13	22	27	0	25	22
Espaço para estudos	23	27	63	54	86	38	25
Espaço infantil	15	2	2	5	0	13	6
Hemeroteca	3	0	4	8	0	0	0
Internet	43	67	37	33	14	63	50
Videoteca	3	4	1	2	0	0	3
Outros	0	0	0	0	0	13	0
N/R	0	4	1	3	0	0	3
Base	40	45	277	63	7	8	32
Total	100	100	100	100	100	100	100

Por Município

	Município						
	Nova Iguaçu	D. Caxias	Guapimirim	Japeri	Queimados	Mesquita	N/R
	%	%	%	%	%	%	%
Consulta aos livros	67	46	64	65	56	68	100
Empréstimo de livros	23	4	69	6	5	56	0
Espaço para estudos	67	82	26	14	24	17	0
Espaço infantil	3	0	3	6	2	33	0
Hemeroteca	4	1	12	0	3	0	0
Internet	46	39	0	61	61	6	0
Videoteca	1	1	0	2	2	6	0
Outros	0,5	0	0	0	0	0	0
N/R	1	0	2	2	5	0	0
Base	193	94	58	49	59	18	1
Total	100	100	100	100	100	100	100

Por Renda Mensal

	Salários mínimos				
	1 a 2	3 a 5	6 a 9	Mais de 10	N/R
	%	%	%	%	%
Consulta aos livros	64	66	57	55	51
Empréstimo de livros	27	21	6	9	23
Espaço para estudos	39	62	66	91	50
Espaço infantil	4	5	0	5	4
Hemeroteca	3	5	3	9	3
Internet	47	36	14	36	45
Videoteca	2	1	0	0	1
Outros	0	0	0	5	0
N/R	2	0	0	0	3
Base	193	127	35	22	95
Total	100	100	100	100	100

VII CONCLUSÃO

Há um conto de Italo Calvino – O General na biblioteca – em que os oficiais de uma “nação ilustre”, a Panduria, suspeitavam de que “os livros contivessem opiniões contrárias ao prestígio militar”. Então, o Estado Maior do país, depois de considerar o assunto longamente, decide instaurar uma comissão de inquérito, comandada por um general de nome Fedina, oficial severo e escrupuloso. “A comissão iria examinar todos os livros da maior biblioteca da Panduria” (CALVINO, 2010: 67).

Em uma manhã de novembro, os militares ocuparam a Biblioteca, que permaneceu, durante a ocupação, fechada ao público. Dos funcionários, ficou apenas o bibliotecário, senhor Crispino, “recrutado para explicar aos oficiais o lugar dos livros”. Crispino, no final das contas, fez muito mais. Como os militares nada entendiam de bibliografias, indicava leituras, completava as informações, conduzia-os pelos corredores de estantes.

Quando finalmente o General Fedina entregou o seu relatório, já não era o mesmo homem. Nem ele, nem os tenentes que o auxiliavam, tampouco os soldados que os acompanhavam – porque em dado momento, dado o tédio da tarefa, mesmo eles, do escalão mais baixo, puderam passar o tempo com a leitura dos livros, desde que ajudassem na missão. No fim dessa prolongada experiência, o relato do General resultou num compêndio da história da humanidade, desde a origem,

no qual todas as ideias mais indiscutíveis para os bem-pensantes da Panduria eram criticadas, as classes dirigentes denunciadas como responsáveis pelas desventuras, o povo exaltado como vítima heróica de guerras e políticas equivocadas (CALVINO, 2010: 71).

O discurso do General tinha sido confuso, cheio de lacunas e contradições, “como costuma acontecer com quem abraçou há pouco novas ideias”, mas seu significado não deixava dúvidas. Evidentemente, para a Assembleia de Generais foi um escândalo. Cogitou-se degredar ou processar os oficiais, mas para evitar repercussões ainda piores, decidiu-se mandá-los para a reserva, devido a problemas neurológicos derivados do serviço. No entanto, após todo o episódio, os militares aposentados ainda seriam vistos constantemente, trajados à paisana, “entrando na velha biblioteca, onde esperava por eles o senhor Crispino com seus livros” (CALVINO, 2010: 72).

O conto de Italo Calvino é uma espécie de parábola, decisiva para o propósito desta pesquisa. Encontrei, no percurso por todas as bibliotecas públicas da Baixada Fluminense, um traço comum. A Biblioteca, se não chega a ser hostilizada, é quase sempre ignorada e negligenciada pelas prefeituras. Não há, na maioria das vezes, políticas públicas efetivas capazes de torná-las equipamentos atraentes para o grande público. Ao contrário, não é raro o abandono total das bibliotecas públicas nos municípios.

Alocadas em prédios ou salas inadequados – salvo as honrosas exceções de sempre –, sem estrutura, sem acervo, sem profissionais qualificados que possam atender bem os usuários, algumas bibliotecas assemelham-se a casas mal assombradas, onde funcionários desinteressados e conformados desempenham o papel de porteiros e vigias de ninharias. Os poucos que tentam desenvolver ou exigir políticas consequentes no setor, não são levados a sério. Tornam-se quixotes dos livros, ainda mais quando não desistem diante dos primeiros obstáculos. Nesses casos, as premissas de onde parti – a biblioteca como ... – são negadas. A biblioteca torna-se um espaço sem importância, como gostaria a Assembleia de Gerais da Pandúria.

Em compensação, nos lugares onde existe um mínimo de condição de trabalho e, sobretudo, profissionais capacitados (ou, pelo menos, interessados) para a função, entusiasmados com a profissão e sensíveis ao contexto no qual estão inseridos, as bibliotecas assumem um papel determinante. Elas são o espaço do conhecimento, mas também do encontro. Nesses casos, hipótese, se não é inteiramente confirmada, é ao menos insinuada a ponto de abrir brechas na situação precária generalizada. É possível pressentir ali os sinais de uma presença mais forte, participativa e transformadora das bibliotecas. Não só os generais Fedinas, mas todos aqueles que se interessam pelo livro, pela leitura e pelo conhecimento, podem encontrar ali a perspectiva de abertura para uma nova cidadania, uma nova vida.

VIII CONHECER E CONVIVER - BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Jorge Luiz. *Relatório final do projeto Rio Democracia*. In http://www.riodemocracia.org.br/riodemocracia/site/noticias/noticia.php?id_content=61., 2008.

BARROS, Paulo. *A biblioteca pública e sua contribuição social para a educação do cidadão*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

CALVINO, Italo. Um general na biblioteca. In *Um general na biblioteca (contos)*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

FEITOSA, Luiz Tadeu. *O poço da draga: a favela e a biblioteca*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003

HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Entrevista com George Yúdice*. In *Revista Z Cultural*. Ano III, nº 3. Agosto/ Novembro de 2007.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores? Política para a cultura/ política para o livro*. São Paulo: Summus, 2004.

LOPES, João Teixeira. *A cidade e a cultura*. Um estudo sobre práticas culturais urbanas. Porto: Edições Afrontamento; Câmara Municipal do Porto, 2000.

MARTÍNEZ, Lucila. *Escola, sala de leitura e biblioteca criativas*. Petrópolis, RJ: Autores & Agente & Associados, 1998.

MEDEIROS, Ana Lígia Silva. *Biblioteca e cidadania*. In *Sinais Sociais 11*. Rio de Janeiro, SESC-Departamento Nacional, 2010.

MILANESI, Luís. *A casa da invenção*: Biblioteca Centro de Cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

PERFIL DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS – Munic. IBGE, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do Social – como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004.

SANTOS, Milton. 2005. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record.

SILVA, Jaílson de Souza e. *Favela: alegria e dor na cidade*. Rio de Janeiro: Editora Senac-Rio; X-Brasil, 2005.

SABOYA, Vera. Entrevista ao autor. 3 de agosto de 2011.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

SUAIDEN, Emir Jose. *Biblioteca pública brasileira: desempenho e perspectivas*. Lisa: INL, 1980.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VENTURA, João. *Guilherme do outro lado das estantes: mediação e gestão da acessibilidade nas bibliotecas públicas*. In OBS, nº 10. Observatório das Atividades Culturais, Dez. 2001.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SITES CONSULTADOS

<http://www.cultura.gov.br/>

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233&id_pagina=1

<http://www.ibge.gov.br/>

<http://www.novaiaguacu.rj.gov.br/>

<http://www.bn.br/>